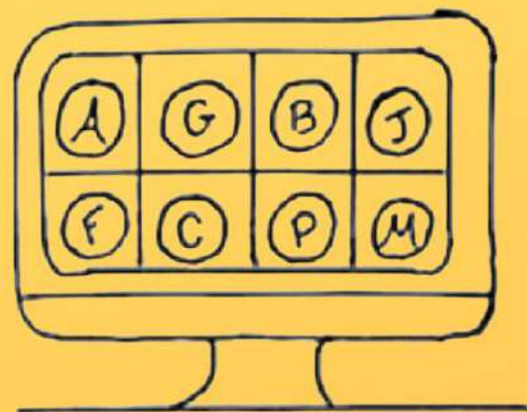
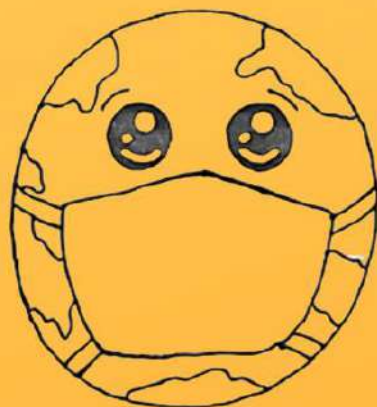




A gente era feliz e não sabia...



diálogos sobre educação em tempos de pandemia



*Priscila Gabriel Gonçalves e Sá
Claudia Hernandez Barreiros Sonco*



A GENTE ERA FELIZ E NÃO SABIA...
DIÁLOGOS SOBRE EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Priscila Gabriel Gonçalves e Sá
Sob orientação de Claudia Hernandez Barreiros Sonco

Rio de Janeiro
2024



CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CAP/A

S111	Sá, Priscila Gabriel Gonçalves e A gente era feliz e não sabia... diálogos sobre educação em tempos de pandemia. / Priscila Gabriel Gonçalves e Sá, colaboração de Claudia Hernandez Barreiros Sonco. – Rio de Janeiro: CAP-UERJ, 2024. 90 p. : il. Produto educacional elaborado no Mestrado Profissional do PPGEB/CAP/UERJ. ISBN: 987-65-81735-44-9 1. Pandemia. 2. Temporalidade. 3. Desigualdade social. I. Sonco, Claudia Hernandez Barreiros. II. Título. CDU 37-053.2
------	--

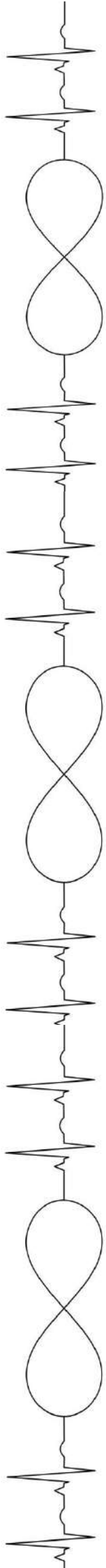
Emily Dantas CRB-7 / 7149 - Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese/dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Dedico aos incansáveis professores que viveram essa loucura que foi dar aulas em plena pandemia de COVID-19. Uma salva de palmas para nós!



Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais.

Rubem Alves

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus. Por Ele chegamos aqui com saúde, após uma pandemia que, infelizmente, deixou muito luto. Sem Ele não chegaríamos vivos, nem com a mente sã. A fé realmente remove montanhas e nos protege do medo.

Agradeço, também, aos meus pais que, sem sombra de dúvidas, são meus maiores incentivadores. Se eu tenho fãs na vida, esses se chamam Lidia e Rubens.

Gratidão especial ao meu marido, Fábio, que me apoiou durante toda a caminhada do Mestrado.

Muito obrigada aos meus maiores tesouros, meus três filhos: Guilherme, Beatriz e Júlia, que precisaram entender que mãe também estuda e precisa de tempo para isso. A todo momento me viram com livros na mão, computador no colo e uma infinidade de palavras para escrever. Obrigada a minha filha Beatriz Gonçalves e Sá, mais conhecida como Bia, que foi a responsável por ilustrar e escrever a capa deste livro.

A todos os alunos e professores que passaram (e passam até hoje!) por minha vida profissional, que tanto me ensinaram, me fazendo querer ser uma pessoa melhor a cada dia.

À minha orientadora, Claudia, por confiar no meu trabalho e na minha capacidade de conseguir terminar a pesquisa, mesmo em meio a tantas atividades nossas.

SUMÁRIO

8	APRESENTAÇÃO
9	UM MERO ACASO... OU NÃO!
13	O INÍCIO DE TUDO
18	VAMOS FALAR SOBRE O TEMPO?
32	HISTORICIDADE DA PANDEMIA
57	MAS SEMPRE FOI ASSIM!
65	BEM-ESTAR NAS ESCOLAS
68	O DESAFIADOR PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA ATUALIDADE
81	CONSIDERAÇÕES FINAIS
86	REFERÊNCIAS
89	MINIBIOGRAFIAS

APRESENTAÇÃO

Vamos sentar e tomar um café?



Não. Eu não sou fã de café. Mas muitos são. Então, vamos começar essa conversa pensando que estamos em uma sala dos professores em nosso breve intervalo e batendo um papo descontraído. Mas o assunto é sério. Como muitas vezes são sérios todos os assuntos que conversamos naqueles menos de vinte minutos diários.

Aqui vamos falar de um período I-NES-QUE-CÍ-VEL. Quando penso em INESQUECÍVEL, logo visualizo coisas incríveis e muito positivas. Mas... esse não é o caso. Aqui o inesquecível vai relembrar momentos bem desafiadores. A intenção desta escrita não é deixar ninguém triste, muito pelo contrário! Vamos falar sobre algo que vivemos, sobrevivemos e estamos aqui para contar.

A ideia principal desse livro é que ele não seja cansativo, nem melancólico. Vamos passear pela leitura fluida. E, quando estiver cansado ou tenso, pare um pouco. Nada que uma noite no meio não resolva! Aliás, esse é o meu lema, ao qual compartilho bastante com minha equipe e meus colegas de trabalho.

Durante a leitura você vai perceber alguns QR CODES espalhados pelas páginas. Algumas músicas poderão ser a sua trilha sonora enquanto lê, o que acha? Bom, essa é só uma sugestão, de quem adora fazer tudo ouvindo música... Além disso, você vai encontrar algumas perguntas, algumas iguais as da pesquisa que fiz, mas dessa vez com o único objetivo do seu registro pessoal, para “ficar para a posteridade”. Não se esqueça de colocar a data! Isso foi meu querido avô quem me ensinou. Uma pena que ele já não esteja mais entre nós, mas acho que ele gostaria de saber que eu faço o que me ensinou até hoje.

Fique atento aos símbolos encontrados no livro: sugestões de leitura, dicas e momentos de registro serão sinalizados nas páginas em que estiverem presentes.

UM MERO ACASO... OU NÃO!



Epitáfio - Titãs

Devia ter amado mais

*Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o sol nascer*

*Devia ter arriscado mais
E até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer*

*Queria ter aceitado
As pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria
E a dor que traz no coração*

***O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar***

*Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr*

*Devia ter me importado menos
Com problemas pequenos
Ter morrido de amor*

*Queria ter aceitado
A vida como ela é
A cada um cabe alegrias
E a tristeza que vier*



Titãs

Serendipidades¹. Você já ouviu falar essa palavra? Pois é, nem eu tinha antes de ler um livro que foi um grande aprendizado de vida: Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves. É um livro de cunho histórico pessoal, de uma época super difícil, e também vergonhosa, que nosso país “viveu”. Ele narra a história e a trajetória de vida de uma africana que veio ser escravizada no Brasil na época colonial. Não posso dar spoiler² porque essa história é uma das leituras obrigatórias que vou trazer aqui neste livro. Claro que não uso a palavra

¹ Serendipidade. Aquilo que acontece ou é descoberto por acaso, de modo imprevisto, inesperado. Etimologia (origem da palavra serendipidade). Do inglês serendipity 'ato de descobrir coisas boas por acaso'.

² Spoiler: Revelação antecipada de informações; palavra muito comum entre os jovens das gerações Z e Alpha.

obrigatória no sentido de obrigar ninguém a nada... mas sim no sentido de indicação de leitura mesmo...

Bom, a grande questão aqui (voltando ao assunto) é que às vezes, as ideias surgem do inesperado... Contextos turbulentos geram uma grande vontade de superação. Em meio a desafios e muito trabalho, o importante mesmo é não deixarmos a vontade de sair correndo (que apareceu muitas e muitas vezes) vencer. O acaso já me trouxe boas surpresas, então por que não encontrá-las novamente?

Eu sou feita de afetos. Afetos por todos os lados: pessoal, profissional... Geralmente as pessoas, os fatos e acontecimentos... me afetam! E é nesse sentido que surge a vontade de pesquisar. Esse livro nasce como o produto educacional da minha pesquisa de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação de Ensino em Educação Básica – PPGEb – na área de concentração: Cotidiano e Currículo na Educação Básica, intitulada “‘A gente’ era feliz e não sabia... é possível sair da zona de conforto de maneira abrupta e ainda dar lugar a um novo processo de construção didática?”

Estamos atravessando um período marcado por uma série de receios, incertezas e dúvidas desde que nos deparamos com a pandemia. Este acontecimento inesperado chegou como uma tempestade, provocando desordem em nossas vidas.

Acredito profundamente que cada indivíduo tem seu tempo adequado para as coisas acontecerem. Embora sempre tenha nutrido uma paixão pelo estudo, a agitação do cotidiano frequentemente me impedia de dedicar-me aos estudos como eu gostaria. No entanto, ao longo do tempo, busquei participar de inúmeros cursos e atualizações profissionais, reconhecendo que ser professor demanda uma constante dedicação ao estudo e à pesquisa.

Com o decreto da pandemia, assim como muitas pessoas, fui obrigada a permanecer em casa. Nunca imaginei que algo desse tipo pudesse ocorrer, uma vez que sempre estive ocupada com o trabalho em duas escolas, passando o dia inteiro fora de casa. Isso gerou uma reviravolta em meus pensamentos: o que fazer com tanto tempo em casa? Como lidar com as responsabilidades de trabalhar, ser mãe, esposa e dona de casa durante 24 horas por dia? Os desafios dessa situação foram inúmeros, mas me agarrei ainda mais aos benefícios que surgiram em meio ao caos. Ao estar em casa,

retomei os estudos e dediquei-me completamente ao objetivo de ingressar no Mestrado (talvez não tanto, dada a constante demanda das tarefas diárias – quem aqui não se identifica com isso? Duvido que não!). O sonho era antigo, mas, devido à correria do dia a dia, parecia distante.

Tenho o costume de procurar os aspectos positivos em meio às situações negativas, pois acredito que não há mal que perdure quando mantemos uma perspectiva otimista. Dessa forma, começo a considerar um tema de pesquisa. Chego à conclusão de que gostaria de abordar algo inovador, pois seguir a mesmice nunca foi minha característica. Reflito, pondero... e decido escrever sobre este período, no mínimo peculiar, que todos nós, professores, estamos atravessando (sim, no presente, uma vez que a pandemia possa ter encerrado, mas seus reflexos ainda persistem). O propósito é registrar como vivemos, como enfrentamos tantas mudanças impostas e como, de alguma forma, isso pode impactar positivamente a Educação Brasileira.

Bem, é verdadeiramente exaustivo viver em um capítulo dos livros de História do futuro! Esta é a representação que teremos em algum momento, como destacado por uma personagem amplamente reconhecida: Mafalda, uma argentina com a imagem de uma garotinha baixa com os cabelos amarrados em um laço de fita. Ela é constantemente repleta de opiniões e dúvidas sobre a sociedade em que estamos inseridos. Mafalda demonstra uma preocupação constante com o futuro dos seres humanos e do mundo como um todo, sempre nos conduzindo a reflexões profundas.

Personagem Mafalda



Fonte: Richieri, 2019.

Desde o ano 2000, quando me formei professora no antigo Curso Normal (Magistério Nível Médio), comecei a trabalhar em duas escolas, sempre com realidades bem distintas: pública e privada. Junto disso, cursei Pedagogia na UERJ³. A vida foi passando tão rápido, hoje sou esposa há vinte anos e tenho três filhos lindos. Sim, sou mãe coruja também. Cuidar de casa, de filhos e de marido nunca foram tarefas fáceis, mas durante a pandemia os desafios ficaram ainda maiores. Comecei o curso de Mestrado no CAp UERJ, primeiro como aluna especial, e hoje estou aqui, finalizando a dissertação com uma pesquisa tão forte. E é assim que julgo esta pesquisa (e agora, esse livro): FORTE. Antes de explicar um pouco mais sobre mim, acho importante demais destacar que o CAp⁴ da UERJ é um local muito especial. Já tive um ano por lá, trabalhando com uma turma linda de terceira série em 2005 (na época ainda não havia mudado a nomenclatura de série para ano, a organização estrutural ainda era a anterior). Foi o ano em que aprendi a ser uma professora mais consciente da prática. Foi ali que despertou em mim a vontade de cursar o Mestrado para, quem sabe um dia, pudesse voltar a atuar na instituição como professora concursada. Essa relação ficou um pouco mais forte quando, em 2020, o CAp passou a ocupar o espaço físico da minha vida inteira: o antigo (e amado) Instituto Padre Leonardo Carrescia. Lá estudei e me formei professora.

Enfim, acho que você, leitor, já percebeu que falo demais. Nesse caso não estou falando, mas sim escrevendo... e nada muda. Acho que os detalhes são importantes para a compreensão geral do texto, mas se você achar que está demais, pode “pular” para onde interessa. Isso é um direito do leitor e eu respeito.

Seguindo... Minha experiência docente de chão de escola me fez chegar à coordenação de uma equipe de Ensino Fundamental – Anos Iniciais - em escola privada. E é nesse contexto que começa a pesquisa, com uma vivência real, tensa, intensa e desafiadora demais: professora de Sala de Leitura na escola pública, em turmas de primeiro ao nono ano, coordenadora pedagógica na escola privada, em turmas de primeiro ao quinto ano, mãe de três (sendo a

³ UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

⁴ Colégio de aplicação da UERJ – Instituto Fernando Rodrigues da Silveira

caçula em fase de alfabetização no ano inicial da pandemia), mestranda, tutora, consultora pedagógica, pesquisadora, entre tantas outras funções “não anunciadas”, talvez invisibilizadas, como ter tarefas domésticas que nunca acabam. São tantas Priscilas dentro de uma só, que às vezes nem eu mesma sei quem sou. Sigo tentando ser uma pessoa melhor a cada dia e isso reflete no meu mundo profissional e, também, acadêmico, a partir do momento que escrevo e vivo tudo isso ao mesmo tempo.

E aqui estou. Finalizando algo que estava tão distante! Não é engraçado, estranho, diferente, difícil de acreditar? Pois é, minha gente... os acasos realmente acontecem!

O INÍCIO DE TUDO...

Em 13 de março de 2020, uma sexta-feira, essa superstição de que "sexta-feira 13 é sinal de mau presságio" nunca pareceu tão real. Naquele momento, tudo estava em aberto. Naquele dia fatídico...

Escuto a diretora da escola pública onde trabalho mencionar que a televisão, insistentemente, anuncia o fechamento das escolas. Enquanto isso, entre murmúrios de professores, os alunos continuam suas aulas, como se estivessem alheios à situação (e, na verdade, naquele dia, ninguém sabia qual rumo o mundo tomaria).

No encerramento daquele dia, tomamos a difícil decisão de temporariamente fechar as portas das escolas. Nossas despedidas foram carregadas de uma esperança incerta, como se acreditássemos que, em alguns dias, poderíamos nos reunir novamente. Assim, teve início uma jornada desafiadora...

Fomos confrontados por um vírus avassalador, cujas peculiaridades eram praticamente desconhecidas. A única certeza que tínhamos era a sua capacidade de tirar vidas em escala global. Diante desse cenário, nos vimos obrigados a enfrentar um novo normal, repleto de incertezas e desafios nunca antes vivenciados por nós.

A pandemia foi declarada. Não era mais possível sairmos de casa com a liberdade de antes: abraços, beijos e apertos de mão simplesmente estavam proibidos! Locais públicos e privados, espaços nossos de cada dia... fechados! Medo, insegurança, luto. Sentimentos que refletiam caos e impotência.

Com o decorrer dos dias, ficava cada vez mais claro que aquele ser inviável era capaz de destruir a humanidade. Era tão inacreditável, não é mesmo? Enquanto isso, a natureza seguia ilesa. O vírus não provocava a morte de animais, plantas ou qualquer outra forma de vida... ele atingia exclusivamente os seres humanos.

Diante do que estava acontecendo, pensava: será que podemos aprender algo novo? Mesmo quando nos sentimos desesperados e sem poder fazer nada, ainda é possível, de alguma maneira, ganhar conhecimento?

Outro autor que indico, Aílton Krenak, escreve tão bem sobre esse assunto... sou fã e acho que vale muito a pena tirar um tempinho seu para ler Krenak. Enquanto isso, vamos fazer agora mesmo uma necessária reflexão que ele traz, com a citação abaixo?



A sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto que estas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo florestas, rios e animais [...] Agora esse organismo, o vírus, parece ter se cansado da gente, parece querer se divorciar da gente, como a humanidade quis se divorciar da natureza. (KRENAK, 2020, 6-7).

Assim, um mês se passou, outro começou, e enfrentamos o isolamento da melhor forma possível. Muitas vezes, vimos familiares e amigos partindo, sem poder dar o último adeus. Acreditamos na ciência, mas a cada dia mais mortes pelo vírus eram confirmadas. Foi ficando claro que aquela situação iria durar por um bom tempo. Aos poucos, percebemos que a vida como conhecíamos talvez demorasse para voltar.

Neste contexto, o texto procura descrever e situar a COVID-19 e suas consequências em várias esferas, com ênfase na área educacional. Além disso, aborda-se uma série de incertezas, algumas das quais, ao longo desses

dois/três anos, se transformaram em certezas, enquanto outras permanecem como grandes pontos de interrogação. Recordo as palavras de Boaventura ao expressar sua visão de escrever em tempo real sobre os eventos da 'vida pandêmica':



Escrever sobre a pandemia enquanto ela ocorria significou que o livro me foi escrevendo à medida que eu o ia escrevendo. Escrevemo-nos um ao outro, o que não admira porque os temas (...) além de novos, tocavam os limites das incertezas existenciais que avassalavam tanto o sociólogo como o cidadão. (SANTOS, 2020, p. 15)

Uma observação bem importante: Boaventura de Souza Santos escreveu sobre a pandemia através de sua visão de sociólogo. Uma boa indicação para quem quer entender melhor o que foi a pandemia a nível social mundial.

O estudo que fiz durante a pesquisa trouxe uma reflexão do contexto educacional pré-pandêmico, para abordar, comparativamente, o pós, entendendo como se deu a vivência de um período complicado em questões sociais, emocionais, pessoais e profissionais em todos os âmbitos da sociedade brasileira.

A questão da lógica educacional atual também foi investigada e meu objetivo (um deles, claro!) era o levantamento real de hipóteses sobre a possibilidade de construção de uma nova didática, mais efetiva na formação dos educandos, no sentido de torná-los mais críticos, conscientes e, principalmente, participantes ativos da sociedade.

Por fim, a pesquisa trouxe para a pauta de discussão os frutos da pandemia no mundo educacional: o que mudou? O que continuou? Quais foram os pontos positivos e negativos? E o professor, teve seu papel, de alguma maneira, modificado?

Um ponto importante é que o ensino híbrido veio para ficar. É crucial realizar intervenções práticas para minimizar as disparidades e evitar que prejudiquem a formação de toda uma geração futura.

Híbrido significa misturado, mesclado, blended. [...] A educação é híbrida também porque acontece no contexto de uma



sociedade imperfeita, contraditória em suas políticas e em seus modelos, entre os ideais afirmados e as práticas efetuadas; muitas das competências socioemocionais e valores apregoados não são coerentes com o comportamento cotidiano de uma parte dos gestores, docentes, alunos e famílias. (BACICH, TREVISAN, 2015, p.27).

PARA REFLETIR: Repare que a citação das linhas anteriores é do ano de 2015!! Sim, isso já era estudado antes da pandemia. E já estava publicado, hein?! A palavra “híbrido” não é recente na Educação e nem chegou com o vírus.

Ouço muitos professores expressando que "éramos felizes e não sabíamos". Será verdade? Agora, não adianta apenas lamentar. Temos um papel ainda mais significativo neste cenário educacional, tanto durante a pandemia quanto no período pós-pandêmico:

Ao final das contas, ou no início desta nova "era", a verdadeira necessidade é de esperança, como tão sabiamente indicava o mestre Paulo Freire. Foi com esse espírito que iniciei este estudo, acreditando que podemos promover mudanças mesmo em meio ao caos que se instalou em nossas vidas. Pode parecer utópico, mas a frase à qual mais me agarro ainda é "quem acredita sempre alcança".



*“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar;
porque tem gente que tem esperança do verbo esperar.
E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.
Esperança é se levantar, é ir atrás,
esperança é construir, esperança é não desistir!
Esperança é levar adiante,
esperança é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”*
Paulo Freire

Este livro tem a escrita de professor para/com professor. É fruto de um

trabalho acadêmico, nas também um texto recheado de histórias e memórias de quem vive todos os dias a realidade do que é ser uma professora no sentido mais amplo que essa palavra pode alcançar. PROFESSORA em realidade de escola pública e privada no Brasil, mais precisamente no município do Rio de Janeiro, com muito orgulho, com muito amor.

Vamos aprender a apreciar até nossos dias mais difíceis??? Só assim deixaremos de ser aqueles que apenas lamentam que "éramos felizes e não sabíamos", para nos tornarmos verdadeiros *agentes* de transformação. A coletividade e a cooperação tornam-se vitais nesse processo de construção do "NÓS". Este período nos mostrou que ninguém consegue progredir completamente sozinho.

Nos capítulos que seguem vamos conversar um pouco sobre o tempo, sobre a pandemia ano a ano e sobre algumas questões fundamentais para pensarmos em termos de aprendizagem das novas gerações.

Agora, que tal interagir comigo? Vou deixar aqui o link de um mural virtual que criei no Padlet: <https://padlet.com/priggsa/expectativas-foram-criadas-cpgcorxpv4vde40n>

Aliás, essa é outra dica. Gosto de usar aplicativos no meu dia a dia, esse, por exemplo, já usei em reunião de coordenação, reunião de pais e projetos com alunos. Simples e produtivo.

Fica a dica...



O que você tem de expectativas para esta leitura? É só acessar o link e registrar sua resposta lá. O interessante é que o registro pode ser por palavras, por imagens e até por vídeos e links. Vou adorar saber o que está pensando nesse início. Não é necessário se identificar, mas se quiser, fique à vontade!

VAMOS FALAR SOBRE O TEMPO?

É claro que você, se é professor, já falou algumas vezes a frase “não tenho tempo!”. E, se você não é professor, já ouviu um de nós falando sobre isso, ou deixando algum compromisso com você para trás por causa dessa falta de tempo.

Isso é tão natural para nós quanto o “dar aula propriamente dito”, não é mesmo? Muitas e muitas vezes deixamos de fazer algo por falta de tempo. Então, esse capítulo aborda o tema porque, simplesmente, é parte do nosso dia a dia, do nosso cotidiano, da nossa vida.

Antes disso, anote aqui... há quanto tempo você dá aulas? Registre: _____
_____. Olhando para este número escrito, o que você sente?
_____.

Tempo, tempo, tempo, tempo...



Oração ao Tempo
Caetano Veloso

Oração ao Tempo

*És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo Tempo Tempo Tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo Tempo Tempo Tempo*

*Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo Tempo Tempo Tempo
Entro num acordo contigo
Tempo Tempo Tempo Tempo*

*Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo Tempo Tempo Tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo Tempo Tempo Tempo*

Que sejas ainda mais vivo
*No som do meu estribilho
Tempo Tempo Tempo Tempo*

*Ouve bem o que te digo
Tempo Tempo Tempo Tempo*

Caetano Veloso

O que representa o tempo? Vivemos constantemente em meio à pressa; será possível encontrar maneiras de melhorar isso? O tempo influencia a vida profissional e pessoal dos professores? E qual é a relação da pandemia com o tempo? Senhor tão bonito, compositor de destinos, tambor de todos os ritmos... será que conseguimos, junto de Caetano, fazer com que o tempo seja ainda mais vivo?

Conceito de tempo

Mas, afinal, o que é o tempo?

Segundo o dicionário Michaelis, a palavra tempo significa: “1. Período de momentos, de horas, de dias, de semanas, de meses, de anos etc. no qual os eventos se sucedem, dando-se a noção de presente, passado e futuro; 2. Período mais ou menos extenso, levando-se em consideração os acontecimentos nele ocorridos; época; 3. Certo período da vida ou da história que se diferencia de outros; 4. Período em que se vive; momento atual; 5. Momento propício para a realização de alguma coisa; 6. Período não definido, geralmente com implicação de futuro; 7. Conjunto de fatores meteorológicos; 8. Cada um dos períodos em que se dividem as partidas de certos jogos; 9. Duração cronometrada de certas atividades esportivas; 10. Cada um dos movimentos de qualquer tipo de ginástica ou de um passo de dança, em relação ao ritmo; 11. Unidade abstrata de medida do tempo musical; pulsação, pulso; 12. Cada subdivisão da categoria de tempo que situa a ação num determinado momento ou época, passado, presente, futuro”.

Diante de tantas explicações e definições distintas, torna-se evidente que definir o tempo não é uma tarefa simples. Essa complexidade remonta a tempos distantes, como apontava Santo Agostinho (1973, p. 17): “O que é,

então, o tempo? Se ninguém perguntar, eu sei. Se alguém me perguntar, eu não sei responder"

O tempo é algo que está sempre presente em nossos pensamentos, mas curiosamente, não é muito explorado pela reflexão humana ou científica. Diante disso, o momento em que vivemos não pode, de forma alguma, ignorar esse enigma intrigante.

Com os eventos dos últimos anos, naturalmente, reavaliamos profundamente nossas experiências e os eventos do dia a dia. De repente, temos a sensação de que o tempo simplesmente... MUDOU. Sentimos uma nostalgia pela rotina que costumávamos reclamar: dá pra acreditar? Ficamos incertos sobre um futuro que talvez nunca chegue. E quanto ao tempo presente? Será que conseguimos aproveitar?

Às vezes, queremos que a vida volte a ser como era antes (eu mesma dizia: quero minha vida de volta! Roubaram minha vida de mim!), outras vezes só pensamos na esperança da construção de um mundo melhor... pelo menos com a sobrevivência da espécie humana depois do medo causado pela pandemia.

Vale ressaltar o significado do tempo para os indígenas. Esse conceito está profundamente ligado às suas culturas e visões de mundo, sendo bastante distinto, por exemplo, da visão do mundo ocidental, que é mais linear e dividida em passado, presente e futuro. Para esses povos, a compreensão do tempo frequentemente vai além da simples sequência cronológica de eventos, envolvendo uma conexão profunda com a natureza, os ciclos e a espiritualidade.

Será que não está mais do que na hora de levarmos mais em conta os ricos ensinamentos indígenas? Devemos repensar como nos relacionamos com o tempo, a natureza e a espiritualidade. Ao abraçar essa perspectiva, somos convidados a adotar uma abordagem mais consciente e equilibrada em nossa trajetória temporal, reconhecendo nossa conexão com o cosmos e o ambiente ao nosso redor.

Professores, que tal uma importante pesquisa sobre a Pedagogia Decolonial? Nosso currículo escolar sempre foi, por muito tempo,

eurocentralizado. Vale a pena a reflexão, para levar para seus alunos outras visões da construção de nosso povo brasileiro.

Fica a dica...



Na Netflix tem um documentário bem curioso sobre o tempo, chamado “Quanto tempo o tempo tem”. Fica a dica para quem gosta desse estilo.

Tempo perdido? Uma analogia a Chronos e Kairós



Tempo Perdido
Legião Urbana

Tempo perdido

*Todos os dias quando acordo
Não tenho mais
O tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo*

*Todos os dias
Antes de dormir
Lembro e esqueço
Como foi o dia
Sempre em frente
Não temos tempo a perder*

*Nosso suor sagrado
É bem mais belo
Que esse sangue amargo
E tão sério
E selvagem! Selvagem!
Selvagem!*

*Veja o sol
Dessa manhã tão cinza
A tempestade que chega
É da cor dos teus olhos
Castanhos*

*Então me abraça forte
E diz mais uma vez
Que já estamos
Distantes de tudo
Temos nosso próprio tempo...*

Legião Urbana

Ao explorar a temática do tempo, não podemos deixar de mergulhar na mitologia. Conforme a narrativa da mitologia grega, Chronos é o Deus do Tempo, uma força incontável que não conhece tréguas. Ele casou-se com Reia, sua própria irmã, e juntos tiveram seis filhos!!! No entanto... temeroso de uma profecia que previa sua deposição pelos filhos, Chronos devorou cada um deles logo após o nascimento.

Reia, astutamente, conseguiu salvar um dos filhos, Zeus, ao enganar Chronos entregando-lhe um pedaço de pano para engolir. Quando Zeus chegou à idade adulta, ofereceu uma poção mágica a Chronos e conseguiu resgatar seus irmãos. Como ele derrotou o pai, que simbolizava o tempo, alcançou a imortalidade junto de seus irmãos.

Kairós era o filho mais jovem de Zeus e Tique, a deusa da sorte e da fortuna. Ele era um jovem belo, com apenas um tufo de cabelo na testa, e um atleta tão ágil que perseguir- o era praticamente impossível. Na cultura romana, Kairós começou a ser chamado de Tempus, simbolizando o curto período em que as coisas são possíveis.

Kairós é aquele tempo que não se ajusta às medidas de Chronos, sendo imprevisível e imensurável. Kairós é a própria oportunidade, um momento único e especial que não pode ser contido pelo relógio.

Na filosofia, Chronos era retratado como o mestre do tempo controlado pelo relógio. O tempo de Chronos, portanto, é aquele que impõe limites às nossas atividades diárias, tornando a humanidade dependente dele. Por outro lado, Kairós é o jovem destemido que não se preocupa com o relógio. Para ele, as coisas acontecem de maneira desimpedida e leve, sem estar preso a horários.

Refletindo sobre nossa rotina diária, surge a dúvida: estamos sendo governados por Chronos ou Kairós? Enfrentamos uma corrida decorrente do trabalho, burocracias, cronogramas e prazos estabelecidos. No entanto, será que em algum momento permitimos a nós mesmos viver um tempo de qualidade? Valorizamos e qualificamos cada instante, buscando menos regras e mais leveza? E nas escolas, qual concepção de tempo prevalece?

Ao dialogar com qualquer professor, é bastante provável que a principal reclamação seja o trabalho intenso e a escassez excessiva de tempo.

Passar do tempo institucional e contado (Chronos) na escola para o tempo do aluno (Kairós) gera uma nova ordem, que não é o ordenamento aprendido e apreendido pela maioria dos educadores, no entanto, conforme foi indicado, há um espaço na escola para que se possa modificar hábitos arraigados, rever tempos e práticas em uma nova organização temporal. (SANTOS, 2020, p. 14-15)

Representação imagética de Chronos e Kairós



Fonte: 8diálogos, [2020].

A constante sensação de falta de tempo ou de perdê-lo em meio a tantas responsabilidades vem permeando nossa vida diária. Diante desse panorama real, será que as escolas, após absorverem tantos ensinamentos advindos da pandemia, conseguiriam implementar abordagens temporais mais flexíveis? São muitas as perguntas... será que "temos todo o tempo do mundo", como destaca a música do Legião Urbana?

Fica, aqui e na próxima página, o espaço para o seu registro.



Relações entre educação, educadores e tempo



Novo Tempo

***No novo tempo
Apesar dos castigos
Estamos crescidos
Estamos atentos
Estamos mais vivos***

***Pra nos socorrer
Pra nos socorrer
Pra nos socorrer***

***No novo tempo
Apesar dos perigos
Da força mais bruta
Da noite que assusta
Estamos na luta***

***Pra sobreviver
Pra sobreviver
Pra sobreviver***

***Pra que nossa esperança
Seja mais que a vingança
Seja sempre um caminho
Que se deixa de herança***

Ivan Lins

Você já deve ter ouvido falar do coelho da história de Alice no país das maravilhas, certo? Ele é bem conhecido no mundo educacional, primeiro porque é um conto infantil que geralmente trabalhamos na escola e segundo... ah... é pela nossa profunda identificação, como professores, com sua principal característica: a correria sem fim!!!

Ao dialogar com qualquer professor, é bastante provável que a principal reclamação seja o trabalho intenso e a escassez excessiva de tempo.

Retornando ao universo de Alice, o coelho mágico insiste incansavelmente que está atrasado. Seu relógio, imponente, parece carregar uma mensagem oculta para cada um de nós: somos reféns do tempo. Essa é uma característica predominante no mundo contemporâneo, e, na educação, essa realidade se torna notável. Estamos constantemente em uma batalha contra o relógio, acreditando incessantemente que deveríamos fazer mais. Como resultado, nos sobrecarregamos a tal ponto que, ao longo do tempo, desenvolvemos ansiedade, irritação e a sensação de que o tempo passa mais velozmente a cada dia.

O coelho e seu relógio – Alice no país das maravilhas



Fonte: RING, 2016.

A correria da vida nos impede de enxergar quanta beleza existe no momento presente. A própria palavra já nos diz: PRESENTE! Infelizmente, a nossa capacidade de trazer saúde para mente e corpo fica inviabilizada: não temos tempo para o autocuidado. Isso é grave para todos, mas principalmente para professores, pois somos aqueles que cuidam de muita gente, não é mesmo? Não é certo cuidarmos do outro se não nos cuidarmos também. Mas como fazer?

Segundo Hargreaves (1998), “a escassez do tempo para realizar e desenvolver o trabalho é uma queixa comum entre os professores e uma componente chave do processo de intensificação”.

É possível vivermos um novo tempo, como diz a letra da música de abertura deste subcapítulo? No que você, leitor, acredita?

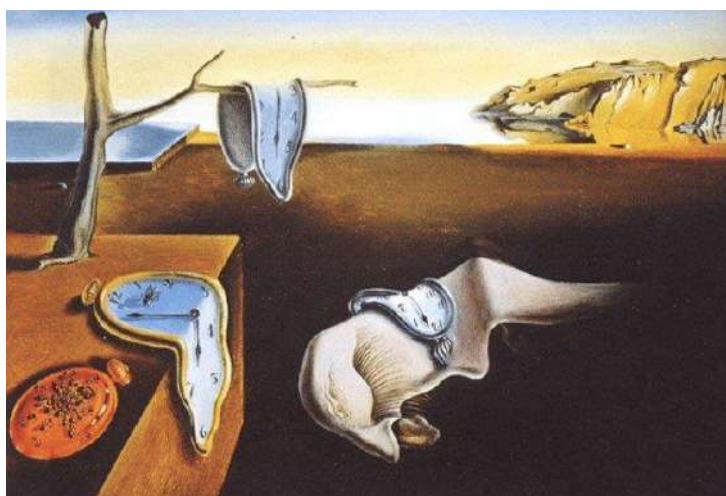
Com a pandemia, muito do que pensávamos ser impossível, acabou sendo não só possível, mas necessário. “Apesar dos perigos, estamos na luta pra sobreviver...” e 🎵 nossa esperança já vem sendo um grande caminho a percorrer.

Uma pausa para a dica de leitura: Professores em Tempos de Mudança. Andy Hargreaves é um autor que fala sobre a formação docente. Ele publicou um livro, há mais de vinte anos, que já falava sobre as mudanças necessárias na Educação e, especialmente, nos professores, no mundo pós-moderno. Podemos dizer que o livro tem cunho prático e provocador, pois expõe que, se não houver mudança, os professores podem ser aprisionados pelo tempo, sobrecarregados por tantas decisões que lhes são impostas e, infelizmente, capturados em armadilhas provenientes da culpa.



E o que a pandemia tem a ver com o tempo?

A persistência da memória - Salvador Dalí



Fonte: Wikipédia, [s.d.].

Vamos começar esta parte analisando uma obra de arte de Salvador Dalí, intitulada “A persistência da memória”. Ela foi pintada em 1931 e está exposta em Nova York desde 1934. A história é peculiar: Dalí estava indisposto para ir ao cinema, ficou em casa e a pintou.

Os relógios da pintura de Dalí, aparentemente, estão derretendo, o que representa um tempo que passa de maneira diferente do comum. Cada um

deles apresenta marcações únicas, já que os ponteiros, também derretidos, oferecem uma percepção distorcida das horas.

Olhando sua tela, um sentimento de estranheza nos chega com o questionamento sobre aquele objeto que, cotidianamente, nos é tão comum. Por que será que Dali fez os relógios daquela maneira? Qual a mensagem embutida na arte? Ao alterar a forma dos relógios, Dali nos faz refletir sobre a importância desse objeto em nossa jornada. A percepção subjetiva do tempo é vividamente destacada nesta obra.

A pandemia, de alguma forma, nos obrigou a parar. Parar nossas atividades diárias, interromper nossas viagens, passeios, encontros...

A pandemia do novo coronavírus desregulou os tempos individuais e coletivos. Os privilegiados que puderam continuar a trabalhar por meio de teletrabalho fecharam-se em casa (...) e trabalharam ainda mais intensamente. (SANTOS, 2020, p. 15).

E nós, professores? Não precisávamos mais sair de casa para dar aula de escola em escola, o que já nos era bem cansativo. Só que aconteceu o nunca esperado: a escola veio para dentro das nossas casas e fomos obrigados a aprender um novo jeito de ensinar. E o tempo? Ele conseguiu ficar ainda mais curto e corrido!

Podemos dizer que o tempo nos afeta o viver. Parece que estamos sempre presos ao relógio, basta pararmos para pensar um pouco sobre isso. A pandemia conseguiu acelerar ainda mais toda essa questão, ao mesmo tempo que desacelerou algumas de nossas necessidades, como a de sair de casa. A impressão que eu tenho, observando novamente a tela tão famosa de Dali, é que seus relógios derretidos vieram reger nossas vidas durante a pandemia. Passamos a ficar confusos, até, com a linearidade de passado, presente e futuro.

Falemos, então, sobre o vírus e o tempo. Segundo Santos (2020), o passado pode ajudar a lidar com as crises epidêmicas contemporâneas, sobretudo na prevenção de doenças futuras. Ele afirma que o vírus é um reciclador que liga o presente a passados mais remotos: o vírus é tido como inimigo, mensageiro e pedagogo. Assim, podemos dizer que ele mata, portanto é como se estivéssemos em uma guerra com o invisível; ele traz uma mensagem muito importante com relação à natureza que é a ideia de que, em

caso de conflito, a vida não humana continuará no planeta mesmo que a vida humana acabe. Ele é pedagogo, pois nos ensina exatamente isto: ou cuidamos do planeta, mudando nossas atitudes e formando a consciência da importância da cidadania planetária, ou não sobreviveremos. O planeta pode continuar a viver sem os seres humanos, nós é que não podemos continuar a viver sem ele.

A expressão 'tempos de pandemia' foi amplamente usada em reportagens, lives, encontros, seminários e outros eventos. Curioso ou não, a pandemia bagunçou nossa percepção de tempo: por vezes, parece que o "tempo voa" e em outros momentos, simplesmente parece que não passa? Durante o isolamento, perdemos a noção do tempo cronológico, às vezes nem sabíamos que dia da semana era. Agora, quatro anos após o início desse período, parece que o tempo ainda está instável, ou será só uma impressão minha?

Durante as entrevistas desta pesquisa, os professores pontuaram diferentes questões sobre o tempo, questões estas que levam ao ponto de que a falta dele pode prejudicar o bom andamento, até, de seu profissionalismo.





Podemos notar que o tempo está intimamente ligado à sobrecarga de trabalho, à formação continuada dos professores e até à vida familiar dos estudantes.

E você, é uma pessoa SEM TEMPO?



() SIM () NÃO

Por quê? (responda com uma frase curta para não perder tempo – contém ironia...)

A large, empty rectangular box with a blue border, intended for a response. The box is positioned below the question and the response options. It has a standard rectangular shape with a thin blue outline.

HISTORICIDADE DA PANDEMIA

Agora vamos falar sobre o conceito de pandemia e sua historicidade. Vamos lembrar quais foram as pandemias anteriores até chegar à COVID-19. Esta será tratada em números ano a ano e relacionada, também cronologicamente, ao nosso meio educacional.

Como é tempo de construção de memórias, escreva também para, assim, compormos, juntos, o texto da maneira mais pessoal possível.

Vislumbrando um futuro

Em 1962, um desenho animado chamado “Os Jetsons” chegou com uma proposta diferente: pensar em como seria a vida humana no futuro. George era o patriarca da família, com 40 anos de idade em 2062. Fazendo os cálculos (alô, professores de Matemática!), ele teria nascido no ano de 2022.

Os Jetsons conseguiram mexer com a imaginação das pessoas na época: celulares, vídeo chamadas, robôs de limpeza... tudo foi retratado no desenho. Nos anos 80, o desenho voltou a ser produzido e, em 1990, ganhou um filme. No Brasil, o desenho era exibido pelo SBT e foi reprisado muitas e muitas vezes, alcançando assim um bom número de expectadores ano a ano. Era muito claro, naquele desenho, que a presença tecnológica digital seria fundamental no futuro.

William Hanna e Joseph Barbera, criadores dos Jetsons, arriscaram apostar na imaginação e acabaram acertando em muitas de suas visões: no mundo pandêmico, por exemplo, os celulares e as vídeo chamadas foram fundamentais para que nossa interação social continuasse, assim como para que nos encontrássemos virtualmente com familiares... e até festinhas e consultas médicas passamos a fazer de maneira on-line!

A Família Jetsons e suas tecnologias atemporais.



Fonte: Almeida, 2023.

Ao explorarmos tempos distintos, será que conseguimos compreender melhor o que nos rodeia? Será que a escola deveria refletir mais sobre diversas questões para promover não apenas o progresso individual, mas também para desenvolver uma sociedade mais consciente e ativa em relação ao nosso planeta?

São tantas interrogações e muitas ainda sem respostas, não é mesmo? Então, sigamos. Quem fomos nós, brasileiros, nos anos da pandemia de COVID-19?

O que caracteriza pandemia/ pandemias anteriores

Segundo a OMS⁵, uma pandemia é a disseminação global de uma nova doença. Assim, o que acontece é que há uma epidemia, ou seja, um

⁵ Organização Mundial de Saúde – agência especializada em saúde, fundada em 7 de abril de 1948. Subordinada à ONU – Organização das Nações Unidas – tem origem nas guerras do fim do século XIX e, hoje, tem como sede Genebra, na Suíça.

surto que afeta uma região, e ela se espalha por diferentes continentes, com pessoas transmitindo umas às outras a doença, passando assim a ser chamada de pandemia.

Ao longo do desenvolvimento da humanidade, as pestes sempre fizeram parte da nossa história. Entender um pouco sobre o que aconteceu no passado nos proporciona insights de que algumas (ou muitas!) características podem se repetir. A ideia central é que, ao enfrentarmos desafios futuros, levemos em consideração os ensinamentos que a História nos oferece.

O quadro a seguir, adaptado da Internet, apresenta alguns dados sobre as pandemias ao longo da história.



Pandemias Anteriores



	PESTE NEGRA (BUBÔNICA)	VARÍOLA	GRIFE ESPANHOLA	GRIFE SUÍNA (H1N1)
Período que ocorreu	século XIV a XVII, com auge do surto em 1347-1351.	10000 a.C. à 1980 d.C.	1918-1920	2009-2010
Lugares mais afetados	Ásia e Europa	Mundo todo	Mundo todo	Mundo todo
Origem	Ásia Central ou China	Noroeste da África ou Índia	Provavelmente Estados Unidos	México e Estados Unidos
Protocolos seguidos	Medidas de higiene, saneamento e quarentena	Isolamento social e vacinação	Isolamento social, quarentena e uso de máscaras	Medidas de higiene e vacinação
Número de Mortes	No período do grande surto, estima-se que tenha matado, na Europa, cerca de 75 a 200 milhões (quase a metade da população) e na China, entre 25 e 30 milhões.	Desde que começou, matou milhares de pessoas. Mais de 300 milhões somente no século XX.	De 50 a 100 milhões de pessoas. No Brasil, cerca de 35mil óbitos.	200 mil pessoas em 214 países.
Sintomas	Febre alta, indisposição, náuseas e bubões (manchas negras que caracterizavam gangrena).	Febre alta, moleza, dor de cabeça, erupções cutâneas irreversíveis, deixando pessoas cegas.	Sangramento pelo nariz, ouvidos e até pelos olhos. Prostração e morte rápida.	Febre, tosse, dor de garganta, calafrio, dores no corpo, doenças respiratórias.

Fonte: Adaptado da Internet pela autora, 2022.

CONVERSANDO... Você também tem um certo nervoso ao olhar esse quadro da página anterior? Pergunto isso porque eu tenho; você sabe o motivo? Já estamos na segunda parte da tabela escrevendo períodos que vivemos... ou seja: antes estudávamos nos livros e ensinávamos aos nossos alunos. Agora, passamos a ensinar o que vivenciamos...



Com o decorrer do tempo, difundiu-se a ideia de que as epidemias afetam igualmente a todos, sendo consideradas democráticas. No entanto, na prática, sabemos, especialmente nós, professores que atuamos em ambientes público e privado, que essa noção não corresponde à realidade.

É de extrema importância que entendamos os processos ao longo do tempo histórico para, assim, poder projetar futuros mais conscientes. Pensando mais especificamente sobre a COVID-19, importante destacar que:

É verdade que houve muitas pandemias na história. É verdade que a unificação bacteriana global ocorre desde a conquista das Américas, mas a novidade radical da COVID-19 está no fato de ele dar origem a uma megacrise feita de combinações de crises políticas, econômicas, sociais, ecológicas, nacionais, planetárias, que se sustentam mutuamente com componentes, interações e indeterminações múltiplas e interligadas (...) A primeira revelação fulminante dessa crise inédita é que tudo o que parecia separado é inseparável. (MORIN, 2021, p. 21)

Trago outra reflexão importante que diz respeito ao mundo pós-pandemia:

Há quarenta anos que o mundo vive dominado pela ideia de que não há alternativa à sociedade atual, ao modo como está organizada e como organiza nossas vidas, o nosso trabalho ou a falta dele, o nosso consumismo e o desejo dele, o nosso tempo e a nossa falta de tempo, a nossa vida social e a ressaca e a solidão que tantas vezes nos causa a insegurança do emprego e do desemprego, a desistência de lutar por uma vida melhor ante a possibilidade sempre iminente de a vida piorar (SANTOS, 2020)

É, gente... o período foi de muitas dúvidas e projeções do que viria, mas aos poucos fomos entendendo (e vivendo) a realidade recém-chegada. Será que a projeção de Boaventura estava certa, afirmando que poderíamos presenciar uma aceleração ainda maior do mundo após a pandemia? Eu estou achando que sim... me sinto cada vez mais acelerada... Mas como mudar?



Mais uma importante DICA DE LEITURA: Edgard Morin é um antropólogo, sociólogo e filósofo francês, que está hoje com 102 anos! Morin escreveu em 2020, com 99 anos, sobre a pandemia em um livro intitulado “É hora de mudarmos de via – as lições do coronavírus”. De maneira inteligente, como todas as suas escritas, ele aborda pontos fundamentais que a crise sanitária nos impõe, mas antes explica um pouco da sua vida, fazendo uma mini autobiografia em seu preâmbulo intitulado “Cem anos de vicissitudes”, pois foi um fruto da gripe espanhola (para maiores informações, caso tenha ficado curioso... vale a pena ler!). 😊

Morin fala bastante sobre o estudo do próprio conhecimento, a importância de estimularmos o questionamento das crianças e sobre reforma no ensino com reflexão filosófica. Para mim, o mais significativo diz respeito à esperança. Morin é uma verdadeira lição de vida (leia-o e encante-se como eu!), pois apesar de todos os pesares que já viveu, afirma que não deixa nunca de ter esperança. Segundo ele, esperança não é certeza, traz a consciência dos perigos e das ameaças, mas nos faz tomar partido e fazer apostas.

Concordam que esse pensamento cabe bastante em nossos dias atuais de tempestade?

A COVID-19 ano a ano

Aqui vamos lembrar, ano a ano, as situações ocorridas ao longo do tempo em que tivemos a presença da COVID-19 em nossas vidas.

Observação: Deixei, no final de cada um, algumas linhas e espaços (afinal, as formas de registro podem ser as mais diversas) para as suas memórias deste tempo que passou...

O ano de 2020

Falta

Falta constante do convívio,

Do olhar,

Do poder estar com e entre as pessoas.

O que fazer para sobreviver?

O que fazer para não perder a alegria de viver?

O que fazer para suportar a ausência do outro?

Corpo doído,

Corpo sofrido,

Corpo sozinho.

Tristeza.

Fátima Freire

Antes de começarmos a falar de um ano tão diferente para nós, preciso falar sobre a autora da poesia acima. Fátima Freire é, nada mais, nada menos, que uma das filhas de Paulo Freire. Imagine a responsabilidade que ela carrega por isso, afinal, seu pai é um dos pensadores mais citados em trabalhos acadêmicos pelo mundo. Fátima escreveu, em 2023, o livro “Uma vida marcada pela educação”, no qual conta sua trajetória e ressalta o quanto é importante o ato de dialogar. Não ter medo de entrar em contato com aquilo que você não sabe gera o aprendizado de aprender a perguntar. Ela diz que as

“possibilidades do dizer”, na infância e na adolescência, são marcas importantes no processo de aprendizagem.

Às vezes torna-se complicado para nós, professores, ensinarmos aquilo que não sabemos ainda. Então, fica aqui essa importante reflexão que Fátima traz. Sentir-se confortável com o *não saber* é peça chave no processo formativo com os professores. Termos ousadia e correremos o risco de dizer que não sabemos, pode ser incrível! Que tal tentarmos?

Fica a dica...



Início do ano, expectativas elevadas e muitos planos à vista! Contudo, em 11 de março de 2020, diversas estratégias tiveram que ser ajustadas. A COVID-19 foi oficialmente declarada uma pandemia pela OMS. O termo "pandemia" refere-se à extensão geográfica da doença, não à sua gravidade. A partir desse ponto, o mundo inteiro tomou conhecimento da disseminação do vírus. Medidas de segurança foram implementadas ao longo dos meses: distanciamento social, fechamento de escolas, uso de álcool gel, desinfecção de compras de supermercado e o uso de máscaras.

Segundo Boaventura de Souza Santos (2020), para alguns grupos a quarentena é difícil: para as mulheres, por serem tidas como as cuidadoras do MUNDO: filhos, maridos, casas, trabalhos... mais estresse diário, menos tempo para si mesmas (se é que isso é mesmo possível); para os trabalhadores autônomos e não formais, porque este setor (serviços) é um dos mais afetados pela pandemia, sendo que para eles a recomendação da OMS de trabalhar de casa e em autoisolamento é praticamente impossível; para a população de rua, por não ter condições físicas espaciais; para os moradores das periferias pobres da cidade e das favelas, porque não têm o mínimo com relação à habitação e saneamento básico e, finalmente, para os idosos, por serem o grupo mais vulnerável ao vírus.

...a quarentena não só torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam. Acontece que tais assimetrias se

tornam mais invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a ele. (SANTOS, 2020, p. 21)

E a escola, nesse parâmetro de caos? Onde ficou?

A escola é um espelho da sociedade e, assim, a realidade enfrentada também foi/é discriminatória.

Na esfera privada da educação, os gestores tiveram que encontrar soluções rapidamente para garantir que as aulas continuassem, mesmo à distância, isso já nos primeiros dias de isolamento social. Manter o vínculo era essencial, pois os responsáveis ainda tinham obrigações financeiras a cumprir para garantir o funcionamento das escolas. Os professores passaram por vários treinamentos e foram chamados para auxiliar os alunos, inclusive utilizando seus próprios telefones. Apesar do trabalho árduo ao longo do ano, a dedicação permitiu alcançar sucesso na comunicação. Diversos aspectos mudaram, como a intensificação do uso de computadores e celulares, o que se tornou crucial para a continuidade das aulas.

Já na rede pública, a parada foi instantânea e... grande. A comunicação demorou para começar a acontecer, até porque a realidade social simplesmente não permitia que houvesse qualquer tipo de vínculo.

Desigualdade social



Fonte: <https://twitter.com/brummmmm/status/1262344965679714305>. Tribuna do norte em 18/5/2020.

Fonte: Revista Emília, 2020.

Segundo a UNESCO, as escolas brasileiras estiveram fechadas por dois terços do ano letivo de 2020, devido à pandemia.

MORIN (2021) afirma que “embora por toda parte haja um despertar de solidariedade nacional, não ocorreu despertar de uma solidariedade planetária, fora algumas exceções”. Durante o ano todo pensamos e fizemos muitas reflexões sobre como melhorar esta realidade social para, até, estarmos preparados para as próximas pandemias que poderão chegar.

Segundo a Fiocruz (2021), o número de mortes por COVID no Brasil, ao final de 2020, foi de 230.452 pessoas.

É.. Esse foi um ano de grandes mudanças na educação. Apesar de diferentes realidades, todas elas passavam por instabilidades e aprendizagens em tempo real. De uma hora para outra, passamos a precisar dos celulares para ter acesso ao ambiente escolar... aqueles mesmos celulares que tanto proibíamos passaram a ser essenciais, não é mesmo?

Uso do celular nas escolas



Fonte: Amor a vida, [s.d.].

Este é um espaço destinado para as suas lembranças pessoais (englobando profissionais, claro!). Fique à vontade, pois a conclusão do subcapítulo é sua.



O ano de 2021

*Amor, poesia, sabedoria
A cabeça bem-feita
O caminho da esperança
Ciência com consciência
Como viver em tempos de crise?
Conhecimento, ignorância, mistério
Cultura e barbárie européias
Edwige, a inseparável
Filhos do céu
Meu caminho
Meus demônios
Minha Paris, minha memória
O mundo moderno e a questão judaica
A religião dos saberes
Rumo ao abismo?
A via*

Edgar Morin

2021 se iniciou e muitos de nós pensamos que, magicamente, a pandemia pudesse acabar. Quanto engano. A situação não acabou, mas chegou um grande e importante avanço.

Este segundo ano da pandemia também ficou marcado por fatos difíceis: uma intensa segunda onda da doença nos assustou, bem como o colapso do sistema de saúde e o surgimento de novas variantes do vírus, mais transmissíveis ainda. Apesar dos pesares, fomos agraciados pelo avanço da vacinação contra a COVID-19. Um Viva bem grande à Ciência, por favor!

O Brasil se tornou, infelizmente, o segundo país no mundo com maior número de mortes. Naquele momento, perdíamos, somente, para os Estados Unidos, segundo dados do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass). Ainda no mês de janeiro, enfrentamos um verdadeiro colapso no sistema e, em Manaus, houve a falta do oxigênio, o que causou inúmeras mortes. Nesse momento, o grande movimento social de ajuda se apresentou com força, pois muitos se solidarizaram com o fato.

Em 17 de janeiro de 2021 a primeira pessoa brasileira foi imunizada. Era uma enfermeira de 54 anos. Para a nossa alegria e início do sentimento de alívio, a vacinação seguiu e, até o final de 2021, atingimos a marca de 80% da população-alvo vacinada.

Encerramos o ano com as medidas restritivas ainda em vigor, mas as atividades essenciais retomaram o formato presencial. Apesar disso, era crucial manter os cuidados, pois o término da pandemia ainda não se concretizara, e uma nova variante surgiu na Europa e nos Estados Unidos, mantendo-nos em estado de alerta e preocupação.

E a escola, como ficou?

Nas escolas, começamos a viver o pós-pandemia sem mesmo a pandemia ter acabado. Nem sei dizer se essa experiência não foi ainda mais traumática do que aquela de viver o isolamento social... Eram aulas com rodízios de alunos, tínhamos que usar máscaras e até faceshield, além das infinitas embalagens de álcool gel. Regras, muitas e muitas regras. Sem toques, sem abraços... como trabalhar com crianças deste jeito? Desafiador. Assim, mais uma vez, a superação dos professores mostrou-se. Mas também... a exaustão apareceu com tudo! Leia a fala de uma professora que entrevistei:



Em tempos de aprendizagem emergencial, as aulas, em algumas escolas, passaram a ser híbridas, on-line e presenciais concomitantemente. As avaliações foram on-line: usamos formulários, plataformas, de diferentes maneiras. O retorno híbrido⁶ foi bastante cansativo e desafiador. Além disso, os alunos voltaram a frequentar as escolas, aparentemente, esquecendo como era sua rotina, o que fez com que vivêssemos um longo período de adaptação.

As disparidades entre as realidades educacionais, associadas ao ensino público e privado, tornaram-se ainda mais evidentes. Experimentamos mais um ano caótico, porém, desta vez, ainda mais desafiador devido à insegurança e ao medo contínuo do vírus.

Aula e Prova On-line x Presencial



Fonte: Spotted UFRJ, 2021.

Capa do LeMonde Diplomatique Brasil



Fonte: Le Monde Diplomatique Brasil, 2021.

Segundo o Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2021, o Brasil é um dos países que por mais tempo permaneceu com escolas totalmente fechadas, em todo o mundo.

O Brasil encerrou 2021 com 412.880 mortes por Covid-19 registradas somente durante o ano, segundo os dados divulgados pela FIOCRUZ.

⁶ Híbrido refere-se a uma mistura. O ensino híbrido não é somente composto por aulas presenciais e remotas (vide capítulo 4), mas ele foi amplamente divulgado desta maneira por conta do que ocorreu no período pós-pandêmico.

E para você, como foi o ano de 2021? Registre suas memórias significativas da maneira como achar melhor.



O ano de 2022

*Para falar sem rodeios,
Não temos nada melhor que a memória
Para ressignificar algo que aconteceu, ocorreu,
Se passou antes que declarássemos nos lembrar dela.*

Paul Ricoeur

O ano teve início repleto de esperança de que uma mudança significativa estava por vir e finalmente nos libertaríamos do vírus. De fato, observamos melhorias substanciais. Contudo, logo nos primeiros meses, o Brasil enfrentou outra crise, desta vez devido à nova onda da variante Ômicron. Nessa fase, registraram-se mais de 224 mil casos por dia, conforme dados da Fiocruz.

Apesar do aumento nos casos da doença, observou-se uma considerável diminuição na letalidade. Os casos passaram a apresentar menor gravidade, e as medidas de restrição foram sendo relaxadas, incluindo a não obrigatoriedade do uso de máscaras. O progresso científico e avanços na vacinação contribuíram para tornar a vida o mais "normal" possível.

Foi em 2022 que as crianças também começaram a ser vacinadas. Que maravilha!

E a escola, como ficou?

Nossa realidade continuava extremamente desafiadora: apareciam muitas lacunas de aprendizagem, além de problemas emocionais e famílias muito desreguladas. Foi mais um ano de exaustão.

Leia o que uma das professoras entrevistadas na minha pesquisa falou e pense um pouquinho se concorda com ela:

O ano de 2022 deveria ter sido mais tranquilo, porque a vida estava voltando ao normal, aos poucos, mas estava. Só que os desafios continuaram a chegar e chegaram com força em alguns aspectos, principalmente os que envolvem a saúde mental. Pra mim, a saúde mental dos estudantes foi o principal adversário no cenário educacional. Vale lembrar, também, que esse problema

grave não ficou restrito só aos alunos. Muitos professores também adoeceram devido ao grande desgaste emocional que enfrentaram todos os dias. A partir deste cenário, pensei: Preciso juntar forças e recomeçar. Receber os alunos, todos os dias, com alegria e otimismo, para mim foi desafiador. Quase impossível.

Desafios: Expectativa x Realidade



Fonte: Amorin, [s.d.].

Olhando esse gráfico, o que você acrescentaria? _____

De acordo com os dados da FIOCRUZ, o Brasil encerrou 2022 com 1,4 milhão de mortes, no total, por Covid-19.

MEMÓRIAS:



O ano de 2023



Dias melhores

*Vivemos esperando
Dias melhores
Dias de paz, dias a mais
Dias que não deixaremos para trás*

*Vivemos esperando
O dia em que seremos melhores (melhores)
Melhores no amor
Melhores na dor
Melhores em tudo*

*Vivemos esperando
O dia em que seremos
Para sempre
Vivemos esperando
Dias melhores pra sempre
Dias melhores pra sempre*

Jota Quest

Uma perguntinha básica antes de continuarmos: está gostando da trilha sonora? Espero que sim. Não se esqueça de pensar nas letras, pois elas “falam” tanto... e, às vezes, cantamos no automático e não prestamos a devida atenção. Já sentiu isso? Comigo, acontece o tempo todo.

O ano de 2023 começou conforme o esperado. A maioria da população brasileira estava vacinada, e o vírus, embora ainda circulasse, estava enfraquecido. As medidas de segurança foram praticamente eliminadas, embora ainda fosse possível observar algumas poucas pessoas usando máscaras nas ruas e em ambientes fechados.

Chegamos ao dia 5 de maio de 2023. A OMS decretou o fim da pandemia. Seria este o encerramento ou o início de uma nova era? A espera por dias melhores foi longa... eles finalmente chegaram?

Fim da pandemia de COVID-19



Fonte: Nuvens, 2023.

A busca por dias mais positivos persiste, mesmo com o fim declarado da pandemia de Covid-19. A sociedade ainda enfrenta desafios significativos, evidenciando a complexidade do cenário atual.

A seguir, vocês encontram o quadro que resume os números oficiais da COVID-19 no Brasil.

Números oficiais da COVID-19 no Brasil



Fonte: Brasil, 2023.

E você, acredita em dias melhores? Vive esperando por eles conforme canta o grupo Jota Quest? Acha que realmente chegaram em 2023, com o decreto do fim da pandemia???

MEMÓRIAS



Fica aqui mais uma página, mas esta para suas memórias mais recentes: agora sobre o ano de 2024. O que você já vê de positivo? O que ainda não?



Pandemia e mudança social: possibilidade real ou pura ilusão?

*Uma pergunta que paira
sobre as nossas cabeças é:
Como as gerações vão dar conta
de um mundo em bagaços?*

Aílton Krenak

Não disse que Krenak é demais? Olha só que provocação ele nos faz com essa pergunta!!!!!!!!!!!!!!

Quem de nós não refletiu sobre um futuro melhor após a pandemia de Covid-19? É inegável que a maioria o fez. Os tempos de medo e incerteza trouxeram à tona um sentimento mágico de solidariedade entre os seres humanos. A esperança era que essa empatia se desdobrasse na concretização do sonho de um mundo melhor, mais justo e consciente. Conforme destacado por Morin (2021), a conscientização da interligação dos destinos terrestres deveria ser o evento central do nosso século. A questão que permanece é se realmente estamos testemunhando e vivenciando esse processo. Será? O que vocês pensam?

Será que somente vivermos esperando dias melhores, sem agirmos concretamente, vai adiantar para alcançarmos a mudança de que tanto falamos que precisamos?

Somos seres totalmente ligados à existência do planeta Terra. Enquanto não conseguirmos desenvolver essa consciência, no sentido de cuidar, arrumar e poupar recursos necessários à sobrevivência, dificilmente conseguiremos nos manter na casa comum.

Superaremos a quarentena do capitalismo quando formos capazes de imaginar o planeta como a nossa casa comum e a Natureza como a nossa mãe originária a quem devemos amor e respeito. Ela não nos pertence. Nós é que lhe pertencemos. Quando superarmos esta quarentena, estaremos mais livres das quarentenas provocadas por pandemias. (SANTOS, 2021, p. 32).

A pandemia trouxe uma reflexão quanto a este tema e Santos (2020) explica que: “Não se trata de vingança da Natureza. Trata-se de pura auto-defesa. O planeta tem que se defender para garantir a sua vida. A vida humana é uma ínfima parte (0,01%) da vida planetária a defender”.

Na forma como vivemos, negligenciando os cuidados com a Mãe Terra, qual é o resultado? Infelizmente, observamos apenas a deterioração constante. Será impossível mudar? Onde deveria residir a energia para as transformações significativas tão urgentes? Ainda acredito que as escolas desempenham um papel crucial nesse cenário social. É viável optarmos por um caminho diferente.

Não podemos permitir que o desânimo e nos domine. A palavra "desânimo" tem origem no Latim "de" (que indica negação) e "animo" (que significa alma, espírito). Assim, "desânimo" literalmente significa a falta de ânimo, espírito ou vontade para realizar algo. É usada para descrever a falta de motivação, energia ou entusiasmo para enfrentar determinadas situações. E não é que é exatamente assim que nos sentimos muitas das vezes? Mas ler esse significado é bem forte, concorda? Será que já estamos tão cansados e acostumados com o cotidiano que acabamos ficando... “sem alma”? Embora o mundo esteja em constante e rápida transformação, podemos resistir e não sermos derrotados, mantendo a esperança e agindo de forma consciente.

Humanismo, a meu ver, não é apenas sentimento de comunhão humana, de solidariedade humana, é também o sentimento de ser parte dessa aventura desconhecida e incrível, e ter a esperança de que ela continue para uma metamorfose, da qual nasceria um novo devir. (MORIN, 2021, p. 96).

Nós, professores, somos agentes de transformação e precisamos acreditar no tamanho dessa potência para a sociedade.

Infelizmente, o ano de 2023 trouxe de volta o julgamento do marco temporal para a demarcação de terras, o que facilita a degradação ambiental. Essa medida estabelece que as comunidades indígenas só podem reivindicar terras ocupadas antes de 1988 (ano da Constituição Brasileira). Isso é bastante preocupante, impactando diretamente a educação escolar indígena, os territórios, as vidas e as práticas culturais dos povos originários.

Sabem qual é a impressão que tenho? Parece que realmente mudamos depois da pandemia mas, aparentemente, mudamos para pior. O início do caos

foi só uma ilusão de que conseguiríamos construir um mundo melhor depois de aprendermos com dias ruins.

Como Krenak nos questiona, como as próximas gerações poderão ser capazes de lidar com o mundo em bagaços? Toda e qualquer mudança depende de cada uma de nossas escolhas diárias, inclusive na luta por nossos direitos e no enfrentamento dos nossos deveres. Precisamos cuidar do mundo antes que seja tarde demais. Nesse contexto, nossa responsabilidade cidadã nas escolas é VITAL! Temos que entender a magnitude do que é essa parte tão significativa do nosso “fazer Educação”: a construção de um mundo melhor.

Personagem Mafalda e a Terra “doente”



Fonte: Skepticafro, 2019.

Fica a dica...



O trabalho com imagens pode valorizar a oralidade e proporcionar grandes momentos de interação entre os pares. Que tal usar alguma imagem do livro em sua sala de aula?

Professores e pandemia de Covid-19



Um móbile no furacão

*Você diz que não me reconhece
Que não sou o mesmo de ontem
Que tudo o que eu faço e falo
Não te satisfaz
Mas não percebe
Que quando eu mudo é porque
Estou vivendo cada segundo
E você como se fosse uma eternidade a mais*

*Sou um móbile solto no furacão
Qualquer calmaria me dá solidão
Sou um móbile solto no furacão
Qualquer calmaria me dá*

Paulinho Moska

Se me questionassem sobre meus sentimentos diante da pandemia, a resposta seria clara: me sinto como um móbile solto em um furacão! Contrariando a canção, tenho experimentado uma carência considerável, desejando ardentemente os momentos de tranquilidade. Sinceramente, não sei para onde foram.

Assim como eu, tantos e tantos professores foram profundamente transformados por tudo o que passaram neste período de pandemia, concorda? Não tem como negar que não teria a menor condição de dar continuidade no processo educacional se não fosse sua resiliência, sua capacidade de se superar e sua enorme vontade de fazer tudo dar certo, mesmo sem ter nenhuma condições possível. A sociedade pode nos enxergar um pouco melhor quando passou a ver a escola dentro de suas casas.

Façamos também justiça (...) aos professores e educadores que, sem interrupção, no auge da crise, revelaram-se não mais funcionários ou profissionais, porém missionários. O importante é que a partir de agora as profissões desvalorizadas passem a gozar de pleno reconhecimento social, (...) sejam confirmadas na grandeza da missão a que se elevaram durante a crise e na qual deveriam ser mantidas (MORIN, 2021, p.30).

Mesmo em meio ao caos, procuramos soluções para que nossos alunos e alunas pudessem acessar a escola, mesmo estando fisicamente

fechada. Passamos a ter os equipamentos eletrônicos e toda a tecnologia digital como grandes aliados e nossa porta para a liberdade de contato com o mundo externo. E, sim, viramos mais reféns de tudo isso.

De acordo com o Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2021, todos os desafios apenas nos provam sobre o quão enorme é a importância das escolas como política pública básica e essencial. São muitas e diversas as opiniões sobre quais foram (e são) os impactos da pandemia no mundo educacional, isso é só mais um motivo para afirmarmos que os países precisam ter suas escolas como prioridade.

Os tempos atuais são de profundas transformações, transformações estas positivas e negativas. Para isso, precisamos ter não só perseverança, como também coragem.

A função social das escolas deve levar sempre em conta a busca por melhorias planetárias, sempre de acordo com o que é possível no momento. De acordo com Morin (2021), não devemos pensar em transformar o homem em ser perfeito ou quase divino. Mas podemos tentar desenvolver o que nele há de melhor, ou seja, sua faculdade de **ser responsável e solidário**.

MAS SEMPRE FOI ASSIM!



Cotidiano

Todo dia ela faz tudo sempre igual

Me sacode às seis horas da manhã

Me sorri um sorriso pontual

E me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é pr'eu me cuidar

E essas coisas que diz toda mulher

Diz que está me esperando pr'o jantar

E me beija com a boca de café

Todo dia eu só penso em poder parar

Meio-dia eu só penso em dizer não

Depois penso na vida pra levar

E me calo com a boca de feijão

Seis da tarde como era de se esperar

Ela pega e me espera no portão

Diz que está muito louca pra beijar

E me beija com a boca de paixão

Toda noite ela diz pr'eu não me afastar

Meia-noite ela jura eterno amor

E me aperta pr'eu quase sufocar

E me morde com a boca de pavor

Chico Buarque

Vamos agora falar de algo um pouco incômodo?

Este capítulo aborda as possíveis e necessárias mudanças na escola: fala primeiramente, brevemente da história da Educação, traz reflexões sobre a famosa zona de conforto e, também, da importância de haver uma metamorfose no ambiente educacional para que os novos tempos efetivamente aconteçam.

Quando ouvimos a música de abertura, pensamos em quê? Dá pra crer que essa já foi minha música de formatura da UERJ (Pedagogia)? Há mais de

vinde anos eu já era engessada em uma rotina de “fazer todo dia tudo sempre igual”... normal do professor?

História da educação no Brasil e no mundo

Se nos desafiarem a fechar os olhos e visualizar uma escola, certamente nossos pensamentos nos conduzirão ao que já é familiar há muitos anos: um edifício dividido em salas de aula, com alunos organizados em turmas por faixa etária. Há, também, as tradicionais carteiras escolares, possivelmente alinhadas em fileiras, direcionadas para um quadro onde o professor - ou a professora - conduz a aula. De fato, ao contemplarmos a organização educacional, percebemos que essa é a representação que a caracteriza ao longo dos últimos 150 anos. A escola, conforme a conhecemos, construiu seu modelo no século XIX e transitou pelo século XX com poucas alterações significativas. No entanto, ao ingressar no século XXI, a instituição, apesar de algumas fragilidades evidentes, foi submetida a uma transformação significativa, imposta de forma avassaladora pela pandemia, pelo menos por um período de tempo.

De repente, o que era visto como impossível, transformou-se em poucos dias: diferentes espaços de aprendizagem, sobretudo em casa; diferentes horários de estudo e trabalho; diferentes métodos de trabalho; diferentes métodos pedagógicos, sobretudo através de ensino remoto; diferentes procedimentos de avaliação, etc. A necessidade impôs-se à inércia, ainda que com soluções frágeis e precárias. (NÓVOA, 2022, p. 25)

Como aprendizados deste período pandêmico, destacamos, por exemplo, as constatações relacionadas aos sistemas escolares, às instituições de ensino e à pedagogia em geral: de maneira ampla, os sistemas públicos de ensino revelaram fragilidades, tornando-se dependentes, inclusive, de plataformas e conteúdos fornecidos por empresas privadas; as escolas, diante da necessidade de adaptação, foram compelidas a encontrar soluções rápidas que preservassem o vínculo com os estudantes, evidenciando a importância dos laços entre família, escola e alunos; no que diz respeito aos professores, é inegável afirmar que conseguiram progredir, aprender e redefinir muitos dos

antigos paradigmas da docência, desempenhando um papel crucial para que o processo educativo não fosse interrompido.

A famosa zona de conforto

A frase que intitula este capítulo, “Mas sempre foi assim!”, é uma das que é mais falada nas escolas. Aliás, de tanto ouvi-la, essa foi a primeira certeza de escrita que tive: meu primeiro título de capítulo estava pronto, mesmo sem ter nenhuma linha feita. A realidade é que estávamos tão acostumados a um modelo educacional histórico, que tínhamos restrições para nos afastarmos. E por que é mais fácil fazer o que sempre fizemos (e o que fizeram nossos antepassados) do que buscar o novo? Muito disso deve-se à famosa zona de conforto.

A zona de conforto é definida pelos hábitos, ações e comportamentos de uma pessoa. Dentro dela, não há espaço para medo, risco ou ansiedade. Quem está na zona de conforto não se sente ameaçado, como ilustrado na música "Cotidiano" de Chico Buarque, onde a rotina se repete diariamente. Surge a reflexão: até que ponto essa estabilidade é benéfica? Ficou evidente que períodos de instabilidade nos proporcionaram aprendizados significativos, possivelmente os mais impactantes de todos, aqueles que nunca poderíamos antecipar.

Esse tema é muito discutido na Psicologia, sabia? Isso porque a segurança proporcionada por ela pode ser falsa. Isso mesmo!! Que situação...

Quando ocorre uma mudança brusca, como, por exemplo, a chegada de uma pandemia, o choque é ainda muito maior para aqueles que não estão preparados. Por esse motivo, é muito importante termos consciência de que trabalhar fora da zona de conforto é fundamental para progredirmos. Agora vamos pensar no caso dos professores, mais especificamente: esse fato torna-se ainda mais significativo, pois que o mundo está em constante transformação e a escola faz parte do mundo!

Entende agora por que a pergunta inicial falava de incômodo? É verdade ou não que é mais fácil simplesmente reproduzirmos tudo o que sempre

fizemos, do jeitinho que sempre foi? É menos gasto de energia, é tempo poupado... mas será que vale a pena nunca pensarmos fora da caixa? Em nosso mundo da Educação é essencial que pensemos em um dia a dia sem engessamentos, até porque o mundo está em constante transformação, não podemos negar e nem fugir disso. Simplesmente não dá. Somos parte deste mundo em metamorfose real. Parte muito importante, por sinal.

É possível perceber, claramente, a questão da zona de conforto nas entrevistas realizadas. Uma das professoras, por exemplo, explica que “queria que a vida voltasse logo ao normal, aquela rotina de sempre, da sala de aula arrumada do meu jeito... enfim, queria que acabasse logo o período ruim para poder ‘dar aula de novo!’”

Ao mesmo tempo, também ficou notório, em algumas falas, que a vontade de sair da zona de conforto é grande: “a busca por novas formas de ensinar foi algo que me estimulou muito e continuou até hoje, mesmo fora do isolamento”.

Uma importante reflexão foi trazida por outra das professoras entrevistadas:

... ao olharmos para a realidade da educação, principalmente a brasileira, continuamos a praticar a forma como fomos ensinados. Por que acabamos repetindo, sem querer ou perceber, o que condenamos? Por isso que a prática do professor regente é um infinito reajuste (...) Um dos maiores erros da escola é não querer se encaixar nas mudanças que temos na sociedade.

“O trabalho pedagógico é definido pela imprevisibilidade, pela capacidade de os professores darem respostas e tomarem decisões em face de cada nova situação” (NOVOA, 2023). Com certeza tivemos que sair abruptamente da nossa zona de conforto e aprender com isso. E agora, o desafio é nos reinventarmos a cada dia, buscando uma grande metamorfose no mundo educacional.

E você, como se sente diante da zona de conforto? Já pensou nisso? Use a próxima página para fazer um registro sobre isso. Que tal fazer um registro diferente com arte? Saia da zona de conforto... invente alguma nova forma de registro! Que tal exercitar?



Mudanças/metamorfose na escola – utopia ou necessidade?

Antes de ler, responda você mesmo à pergunta acima. Pense um pouco e responda com **razão e emoção na mesma intensidade**. E, como falamos para os alunos, justifique, explique sua resposta (para você mesmo, é claro! Não fuja, nem se engane. Isso seria autossabotagem, hein...)

Reflexão:

E aí vai a música para sua inspiração reflexiva.



Metamorfose ambulante

*Prefiro ser essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

*Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

*Sobre o que é o amor
Sobre que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
Eu sou um ator*

*É chato chegar a um objetivo num instante
Eu quero viver nessa metamorfose ambulante*

*Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo*

Raul Seixas

As palavras metamorfose e mudança não são sinônimos: na mudança algumas coisas permanecem iguais, enquanto que na metamorfose, tudo é mais radical: não há mais certezas e, com ela, surge algo totalmente novo.

Segundo Sanches (2020), a metamorfose do mundo significa que aquilo que ontem era impensável, hoje é real e possível. Quando eu leio esta frase dela, só penso em quê? Que é exatamente isso que estamos vivendo nas escolas desde o início da pandemia! Quando poderíamos imaginar a escola física fechada e nossas casas virando salas de aulas completamente virtuais e diferentes de tudo antes vivido? Os impactos são amplamente sentidos nas metamorfoses e nessa, obviamente, não foi diferente. Foram inúmeros os sentimentos que passaram por nós, em algum momento, durante este período tenso e intenso: medo, mal estar, impotência, insegurança... Vivemos tempos de interregno (BAUMAN, 2021), estamos entre a incerteza e a esperança.



Pensem aqui sobre o modelo escolar que está imposto ao longo dos últimos 150 anos. Primeiro, quero ressaltar que a escola é necessária em qualquer tempo, em qualquer século, pois tem um papel vital que é a construção da vida coletiva. Então, “O que nos mobiliza não é anunciar a morte desta escola, é enunciar o surgimento de uma outra escola (...) Voltar à normalidade? Não! Este é o tempo de inventar, isto é, de construir coletivamente uma outra educação”. (NÓVOA, 2022) Assim, a escola deve ser o local em que alunos e alunas conseguem construir sua capacidade organizar pensamentos e construir ações.

A reflexão trazida por Nóvoa (2022) destaca a urgência de repensar o modelo educacional existente, que já não atende mais às necessidades atuais. Ele enfatiza a importância de um espaço público de Educação que promova a democracia e a participação de toda a comunidade escolar. Além disso, ressalta a necessidade de criar diversos ambientes de aprendizagem, nos

quais os alunos tenham a oportunidade de se envolver em projetos de pesquisa, assumindo um papel central em seu próprio processo educativo, enquanto os professores desempenham um papel crucial como mediadores. Esse processo de ensino e aprendizagem deve ser tanto presencial quanto digital, proporcionando uma abordagem integrada e abrangente.

Professores bem preparados, com autonomia, trabalhando em conjunto, dentro e fora do espaço escolar, em ligação com as famílias, são sempre a melhor garantia de soluções oportunas e adequadas (...) há muito dizemos que é preciso fazer: envolvimento e participação dos alunos, valorização do estudo e da pesquisa, aprendizagens colaborativas, currículo integrado e multitemático, diferenciação pedagógica, etc. (NÓVOA, 2020, p. 27)

No período pós-pandêmico não temos como negar que a metamorfose está posta e que é importante termos consciência disso para podermos efetivá-la da melhor maneira para todos. Destaco, abaixo, um pensamento de Rubem Alves que considero muito lindo (um pouco mais a frente falaremos deste autor):

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. (ALVES, 1994, p. 29-32).

Raul Seixas, há tantos anos, já preferia ser metamorfose ambulante... Por que será que nós não? Parece que adoramos ficar engessados naquela velha opinião formada sobre tudo... Quem sabe depois dessa reviravolta toda que a pandemia nos trouxe, consigamos aprender a, finalmente, encorajar nossos alunos e alunas a voarem mais alto?

Que tal compartilhar alguma ideia que você teve para executarmos esse pensamento fora da caixa? Pode ser algo que tenha feito com sua turma (ou que ainda vá fazer), algo que tenha dado certo na sua escola, o que você julgar

pertinente para nosso assunto. Para postar, é só preencher o Forms através do link: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSchbMGrJJlpXb7TITi3JCa5owWcv-M9JNOD-xnTfhsKt68yEA/viewform?usp=pp_url, anexando suas ideias e, assim, publicarei no Blog Diálogos sobre Educação, disponível em [Diálogos sobre Educação \(dialogoscompriscilagabriel.blogspot.com\)](http://DialogosComPriscilaGabriel.blogspot.com). Ele será nosso espaço de rede colaborativa entre educadores. Aproveite e olhe as ideias dos colegas, já pensando no que você pode aproveitar também. Vamos começar um movimento de metamorfose? Juntos somos mais fortes, ninguém solta a mão de ninguém!! (como diria a minha linda equipe da escola).

BEM-ESTAR NAS ESCOLAS

Muito se tem falado sobre o sofrimento dos professores. Eu, que ando sempre na direção oposta, e acredito que a verdade se encontra no avesso das coisas, quero falar sobre o contrário: a alegria de ser professor, pois o sofrimento de ser professor é semelhante ao sofrimento das dores de um parto: a mãe o aceita e logo dele se esquece, pela alegria de dar à luz um filho.

Rubem Alves



Rubem Alves educador, psicanalista, teólogo e escritor de muitos belos livros. Ele era defensor de uma educação livre, inspiracional e de construção de vínculo com amor. Suas ideias giravam em torno de podermos construir uma escola que desenvolvesse a imaginação, a criatividade, assim fugindo do comum.

Na importante metamorfose que aconteceu e ainda acontecendo nas escolas é bom que pensemos no quanto é significativo envolvermos o bem-estar em diferentes perspectivas. Pensemos, primeiramente, no sofrimento. É bem claro que nós, professores, estávamos vivendo um período de sofrimentos diversos na profissão. Isto porque nem sabíamos o que viria nos dias que

seguiam. Mesmo diante de tantas adversidades, as aprendizagens também foram reais e, apesar de tudo... a alegria também esteve presente de certo modo.

Infelizmente, na Educação, tem sido comum ao longo dos anos observar um cenário tradicional no qual as crianças parecem desmotivadas, inseridas em um currículo rigidamente estruturado e em salas de aula pouco estimulantes, resultando em um ambiente de mal-estar. O que realmente precisamos é exatamente o oposto disso, pois, como afirmam Hargreaves & Shirley (2023), o bem-estar, a felicidade e a realização são elementos essenciais para alcançar os objetivos acadêmicos, sendo como a cereja no topo do bolo da aprendizagem e do sucesso educacional. Segundo esses autores, a pandemia reforçou a importância de priorizarmos o bem-estar nas nossas práticas educacionais nos próximos anos (ou pelo menos deveria ser assim).



O bem-estar é importante em todas as áreas da vida, mas especialmente no desenvolvimento dos jovens. Sabemos que eles se sentem bem quando gostam da sua aprendizagem, anseiam por vir à escola e se sentem valorizados por suas famílias e amigos. Todos nós queremos que eles experimentem alegria, que prosperem física e emocionalmente e que tenham voz em seu processo de ensino aprendizagem e em seu futuro. (HARGREAVES & SHIRLEY, 2023, p. 1)

É fundamental destacar que as escolas desempenham um papel crucial no desenvolvimento emocional e moral dos alunos, para além do aspecto puramente acadêmico. Elas não são apenas locais de transmissão de conhecimentos, mas também espaços onde se desenvolvem habilidades sociais e valores éticos. Nesse sentido, é importante ressaltar que durante o período de isolamento social, além da perda de conteúdo, enfrentamos também uma significativa redução na socialização. Não é surpreendente, portanto, que muitos professores relatem que os alunos retornaram às aulas presenciais com dificuldades de interação social.

É claro que a maioria dos professores deseja ver seus alunos felizes e bem-sucedidos. Hoje em dia, é raro encontrarmos educadores que desejam o fracasso de seus estudantes, como talvez tenha sido o caso em épocas

passadas. Essa percepção é corroborada pelos professores entrevistados em minha pesquisa: todos eles buscam melhorias nos ambientes de aprendizagem, independentemente de sua natureza, com o objetivo de promover o bem-estar e proporcionar uma experiência de aprendizagem não apenas significativa, mas também prazerosa.

Embora os argumentos sobre a aprendizagem on-line reforcem que pode ser organizada em qualquer lugar, a qualquer momento após a pandemia, a verdade inegável é que, se as escolas físicas forem fechadas, as crianças e os adolescentes podem ficar desconectados de muitas das pessoas que são importantes para eles e seu desenvolvimento. O bem-estar é uma parte essencial da educação e uma parte inestimável do crescimento. Nós o ignoramos por nossa conta e risco. (HARGREAVES; SHIRLEY, 2023, p.2)

Sentir-se bem na escola não deve se limitar apenas a obter boas notas. E digo mais: nós, professores, também temos que nos sentir bem.

É verdade que temos que cuidar de todos, mas quem cuida de nós?

Nesse sentido, vou propor agora um momento para exercício do seu autocuidado. Acesse o [link](#) do podcast. Ele contém uma meditação guiada, feita por Lídia Monteiro Andrade da Silva, que é uma professora querida que já me ensinou muito! Lídia é formada em Filosofia pela UFRJ e especialista em Educação Ambiental pela UERJ. Ela atua como formuladora, coordenadora e facilitadora de projetos de educação ambiental desde a década de 90. Lídia é estudiosa e praticante de técnicas de meditação, autocuidado e energia humana.

Ter esse momento vai valer a pena. Ouça, faça, permita-se.

O DESAFIADOR PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA ATUALIDADE

Este capítulo discute as questões atuais que têm um impacto direto no processo de ensino-aprendizagem na sociedade atual. Começo definindo o que é considerado contemporâneo e, em seguida, exploro as distintas gerações e seu potencial impacto nos sistemas educacionais. Por fim, abordo uma questão crucial: o papel da tecnologia e suas influências em nossas vidas cotidianas.

Espero que seu momento de autocuidado tenha sido bom!! Não faça só uma vez, a ideia é colocar na sua rotina, ok?

Fica a dica...



Contemporaneidade

Neste momento, vamos fazer uma pausa para entender melhor o que significa "contemporaneidade", um termo importante que estou introduzindo neste capítulo. Essencialmente, refere-se à qualidade de existir no mesmo período de tempo, lidando com o que está acontecendo no presente. Então, o que exatamente é esse presente em que vivemos? Estamos experimentando uma sociedade em constante movimento, como discutido no capítulo anterior, e algo notável está ocorrendo: três gerações diferentes estão coexistindo e interagindo, algo sem precedentes na história devido ao aumento da expectativa de vida da população.

As mudanças tecnológicas, comunicacionais, educacionais, históricas e culturais têm um enorme impacto na maneira como consumimos conteúdo. Isso também se aplica à escola, à leitura e até mesmo à escrita. É importante entender que os livros existem para serem lidos pelas pessoas, não apenas para decorar estantes. Se as pessoas estão mudando, devemos considerar como isso afeta o acesso à leitura de forma geral. A leitura vai além dos livros; é uma forma de conectar ideias e pensamentos.

Conforme observado por Bauman (2021), estamos imersos na realidade da "modernidade líquida". Segundo o autor, nada é estável; tudo está sujeito a mudanças. Portanto, é imperativo que nós também estejamos dispostos a mudanças.

Trago, também para sua reflexão, três conceitos que nos provocam questionamentos e reflexões desafiadoras: destemporalização, destotalização e desreferencialização, propostos por um autor chamado Hans Ulrich Gumbrecht. Considerando a destemporalização, refletimos sobre como nossa forma de consumir conteúdo mudou drasticamente. Atualmente, não há necessidade de esperar por episódios semanais de uma novela; em vez disso, temos acesso a séries e podemos escolher como e quando assistir. Isso representa um desafio para a escola? O conteúdo agora está disponível para os estudantes o tempo todo, sem necessidade de esperar por um horário específico. Quanto à destotalização, é cada vez mais difícil afirmar que a escola é a única fonte de aprendizado para os alunos, pois isso não é mais verdade. E como podemos ajustar nossa prática como professores diante da desreferencialização? Como lidar quando nossas referências de mundo estão em constante mudança, especialmente em uma era digital em que somos constantemente inundados com informações?

Além desses conceitos, é importante mencionar dois outros que foram destacados pela pandemia de Covid-19: imprevisibilidade e adaptabilidade. Vivemos em um estado constante de mudança, onde a vida nos ensina lições inesperadas e nos exige adaptação a situações que nunca imaginamos enfrentar antes.

Como podemos elaborar um plano educacional sem considerar o passado, o presente e o futuro? Como podemos desenvolver um projeto de promoção da leitura sem examinar os impactos que todos estamos enfrentando? Ao transformarmos as salas de aula em espaços isolados, muitos alunos percebem que os conteúdos ensinados na escola estão desconectados da realidade (SANCHES, 2020).

Uma autora bem atual que pensa sobre o assunto (e que eu adoro!) é a Carolina Sanches. Acho que essa leitura é potente e necessária. Seu livro está na lista das referências.



Pensando nisso, acredito que a Educação precisa passar por uma mudança real. Quando estamos envolvidos na Educação, buscamos constantemente sentido. Não podemos imaginar escolas no século XXI sem enfatizar a importância da leitura. Assim, é crucial buscarmos maneiras de atualizar nossas abordagens e mantermos o foco no que realmente importa.

Um passeio pelas gerações

Importante pensar em quem são estes alunos que hoje, neste mundo de mudanças e metamorfoses, estão em nossas escolas.

Infográfico das gerações



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Essa classificação geracional é reconhecida em todo o mundo por sua relação com a cibercultura. Ela não se limita apenas ao aspecto cronológico, mas leva em conta principalmente o comportamento das pessoas. De acordo com essa divisão, as crianças que frequentam a escola atualmente fazem parte da Geração Alpha.

O termo Alpha é uma denominação do sociólogo australiano Mark McCrindle para caracterizar as crianças nascidas a partir do ano de 2010, que já crescem imersas no digital. Esta geração é filhote da geração Y, por isso podemos reconhecer que são mais estimulados a interagir em multiplataformas desde bem pequenos. A geração que antecede a Alpha é representada pela última letra do alfabeto, a letra Z. Mc Crindle batizou esse grupo de crianças de Alpha por dois motivos: por se tratar de uma geração do momento atual com a viabilidade de começar um novo ciclo e porque a palavra Alpha é a primeira letra do alfabeto grego e simboliza o início. (SANCHES, 2020, p. 31)

A geração Alpha apresenta diversas características importantes que merecem ser consideradas no contexto educacional. Esses jovens são inovadores, criativos, abertos, conectados, colaborativos, livres e questionadores. Por que não conseguimos reconhecer e valorizar essas características, aproveitando-as durante o processo de ensino-aprendizagem? É curioso observar que as crianças pequenas, especialmente na Educação Infantil, são naturalmente curiosas e questionadoras, mas à medida que crescem, tendem a perder essas características. O que será que acontece nesse processo de crescimento?

No ciclo básico elas praticamente param de perguntar. Por que isso acontece? Simples: quando os alunos chegam no Ensino Fundamental, nós despejamos neles uma tonelada de informações para enchê-los e alimentá-los com respostas a perguntas que nem fizeram ainda. E aí devemos acender um grande sinal de alerta: quando as crianças param de questionar, imediatamente diminui também o interesse pela escola. E, ainda mais grave, elas passam a ter menos interesse pela descoberta e pelo conhecimento. (SANCHES, 2020, p. 33)

As professoras entrevistadas nesta pesquisa trouxeram pontos importantes que estão ligados ao referido tema. Deixo um balão em branco para o seu registro.

Grande desafio fazer algo que eles se interessem.
Pior que pra alguns, tudo o que eu faço é interessante, enquanto que pra outros não!

Saber o que faz um aluno ser engajado na escola, atualmente, é muito difícil. Eu sempre fui excelente aluna, gostava de estudar, amava livros mas eu sou de outra geração.

Essas novas gerações estão nos desafiando no sentido de que preciso ficar buscando maneiras de atrair as crianças para a aula. Tenho tentado descobrir e colocar em prática novos recursos para aproximar os conteúdos dos estudantes.

É necessário nos conectarmos com as novas gerações, porque senão nem o vínculo de professor e aluno conseguimos mais.



Precisamos compreender as características distintas de cada geração para aproximar o ambiente escolar o máximo possível da realidade vivida por elas. É inevitável lidar com aspectos como a tecnologia, que abordaremos a seguir.

Tecnologia

Não há como negar que a presença da tecnologia está se tornando cada vez mais predominante em nossa vida cotidiana, em todos os aspectos. As pessoas estão se conectando mais do que nunca, e o uso de aplicativos para transporte, alimentação, compras e uma variedade de outros fins está se expandindo rapidamente. O acesso instantâneo à informação está tornando os seres humanos cada vez mais dependentes dos recursos digitais. É incrível pensar que, há apenas alguns anos, muitas dessas tecnologias nem sequer existiam, e agora não conseguimos imaginar nossas vidas sem ela.

É essencial compreender que o mundo digital e o conhecimento estão interligados, formando um caminho para a cidadania consciente.

Tecnologia, Escolas e Pandemia

O ideal da educação não é aprender ao máximo, maximizar os resultados,

Mas é antes de tudo aprender a aprender, é aprender a se desenvolver

E aprender a continuar a se desenvolver depois da escola.

Jean Piaget

O uso da tecnologia nas escolas tem sido motivo de discussões polêmicas: por um lado, defensores argumentam que a tecnologia digital pode aumentar o engajamento dos alunos, estimular a inovação e romper o modelo antigo das escolas fabris⁷; por outro lado, os opositores veem a tecnologia como uma distração para os alunos e uma banalização do processo de aprendizagem, além de gerar preocupações sobre o impacto no trabalho dos professores.

Essa discussão já existia muito antes da pandemia.

⁷ Ensino padronizado para crianças diferentes, interações entre os pares nos ambientes restritos da sala de aula, divisão por idade, ritmo dominado por relógio (tempos de aula), sinal (como nos turnos das fábricas), disciplinas fragmentadas e sem conexão; professor como o transmissor do conhecimento.

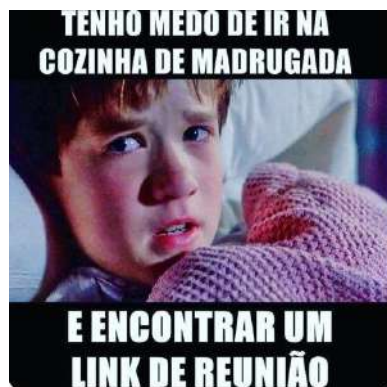
A tecnologia digital se tornou uma parte integrante das escolas, uma vez que já estava cada vez mais presente na sociedade, influenciando a vida de alunos, professores e famílias, que já interagiam através da internet, por exemplo. Com isso, a escola não tinha mais como evitar o inevitável: a incorporação da tecnologia na cultura escolar.

Esse momento foi significativo para deixar para trás os modelos educacionais herdados da era industrial, iniciando assim uma nova era na educacional.

Com a chegada da pandemia, o uso da tecnologia se tornou absolutamente indispensável. Começamos a utilizar chamadas de vídeo para nos conectar com familiares e amigos, participar de reuniões online e receber links para diversos eventos. Durante esse período, testemunhamos uma proliferação de atividades online, como festas juninas, amigos secretos e muito mais. Fomos envolvidos em uma hiperconexão, transformando nossas casas em salas de aula. De repente, os estudantes estavam presentes em nossos lares, assim como estávamos presentes nos lares deles.

Um meme⁸ que circulou bastante nessa época mostrava um sentimento que realmente me invadia!!! Era assim com vocês também?

Meme da Internet



Fonte: Kroich, [s.d.]

Com relação ao uso da tecnologia educacional, as entrevistas da minha pesquisa sugerem algumas semelhanças entre os participantes. É fato notório que todos, sem exceção, precisaram aprender muito com a chegada da

⁸ Meme se refere a uma imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente através da Internet, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem.

pandemia, para que conseguissem alcançar de algum modo seus alunos. As professoras afirmaram que tiveram pouco tempo “para aprender tanta coisa diferente”, mas que fizeram tudo com muita boa vontade porque precisavam lidar com o problema do isolamento, não dava para fugir. Nos próximos parágrafos, trago as reflexões das professoras entrevistadas, diferenciadas por numeração, para manter sigilo com seus dados pessoais.

A professora 1 afirmou que “minha relação com a tecnologia foi de aprendizado. No início tive muitas dificuldades, mas a vontade e a curiosidade me fizeram ir além. Ela diz, ainda que “a tecnologia facilitou muito e ainda facilita a interação mundo/aula, pois através dela podemos utilizar ferramentas em tempo real, levando nossos alunos ao conhecimento além das barreiras físicas de uma sala de aula”. A professora 5 reforçou essa visão quando disse que “a tecnologia é ferramenta com infinitas possibilidades de recursos para ajudar aos nossos alunos, por isso é importante usarmos e eu quero sempre aprender novos recursos tecnológicos”.

A professora 4 afirmou que precisou aprender bastante: “sempre usei a tecnologia a meu favor, mas confesso que, por conta da pandemia, me atualizei, busquei novas ferramentas e passei a usar muito mais, principalmente nas aulas”.

A professora 3 disse que:

Apesar de o início da pandemia ter sido assustador, a ideia de ministrar aulas on-line... foi o momento que mais aprendi a lidar com a tecnologia e a descobrir novas possibilidades de aprendizagem. Nós, professores, além das funções que já temos, somos psicólogos, enfermeiros, decoradores, técnicos de informática e tantas outras coisas que vão aparecendo! Estávamos tão acostumados a lidar com a diversidade e o imprevisto, mas eu nunca imaginei passar por uma pandemia e ter que me aliar à tecnologia desta maneira! Foi meio que surreal.

As professoras da rede pública municipal do Rio de Janeiro trouxeram, também, seu ponto de vista e sua experiência. As professoras 6 e 8 disseram que:

Sei usar a tecnologia em sala de aula para o básico. Uso nas aulas sempre que possível, mas alguns fatores atrapalham: claridade (falta uma cortina na sala), caixa de som ou cabo que não tem bom funcionamento, procurar outra sala para usar... Precisamos atualizar espaços e equipamentos. Sinto que a educação pública está muito atrás nesse ponto. (6)

A tecnologia serviria para melhorar muito o aprendizado até porque eu já usava muita coisa no computador desde que eu entrei. A gente tinha que levar eles pra sala de informática, só que era uma coisa mais restrita e eu acho que isso tinha que ser pra todo mundo, pra todas as escolas, não só esses centros de informática (GET⁹) que a Prefeitura está fazendo agora. Devia existir em todas, ser uma coisa única. (8)

A tecnologia aparece, também, como uma maneira prazerosa de envolver os alunos. A professora 7 afirmou que “A tecnologia facilitou e facilita a interação mundo/aula, pois através dela podemos utilizar ferramentas em tempo real, levando nossos alunos ao conhecimento além das barreiras de uma sala de aula convencional.

Acredito que a tecnologia, assim como qualquer outro recurso deve ser utilizada de maneira equilibrada. A tecnologia está cada vez mais inserida e presente na vida das crianças, então, por vezes, quando a utilizamos como recurso, conseguimos nos aproximar mais de seus interesses.

A professora 8 fez uma reflexão sobre a tecnologia em sua vida:

⁹ GET – Ginásio Experimental Tecnológico – novo modelo de escola na Prefeitura do Rio de Janeiro, que oferece aos estudantes a possibilidade de criação de projetos interdisciplinares, que vão além do livro didático e de conteúdos tradicionais.

Apesar de tudo, o que vivi das práticas da pandemia me deixa uma pessoa mais tecnológica. Isso foi muito interessante. Eu não sou muito fã de tecnologia, mas acho que eu comecei a analisar o quanto isso é importante na vida das crianças, o quanto é necessário para o momento atual que a gente tá, então hoje em dia eu procuro sempre inserir nas minhas práticas. É a tecnologia para a construção da aprendizagem.

A professora 2 trouxe um ponto interessante quando diz que estamos muito consumidos pela tecnologia: “Em contrapartida, essa mesma tecnologia está as absorvendo tanto que atividades que não a envolvam podem tornar-se bastante interessantes”.

É essencial entender que, embora a tecnologia seja importante, ela não substitui boas aulas e professores competentes. No mundo pós-pandemia, o uso da tecnologia na aprendizagem pode se tornar comum, mas não devemos esquecer que ela é apenas uma ferramenta auxiliar. A tecnologia não é a solução definitiva para os desafios educacionais; ela é apenas uma aliada que veio para complementar as práticas de ensino que já são eficazes.

ESPAÇO PARA SUAS CONSIDERAÇÕES APÓS A LEITURA DE
DIFERENTES VISÕES SOBRE TECNOLOGIA.



Geração Zappiens, Uso das Telas e Uso de celulares nas escolas

Com o uso excessivo da tecnologia, surgem algumas questões importantes.

- a) O conceito de "Homo Zappiens", proposto por Winn Veen e Ben Vrakking, refere-se à geração que nasce conectada e em rede, e que está muito à vontade com o uso da tecnologia. Os autores levantam a questão sobre a necessidade de proporcionar aprendizado significativo para essas pessoas que utilizam constantemente a tecnologia. Para esses estudantes, é comum realizar várias atividades simultaneamente. Nesse contexto, os professores que trabalham com esses alunos precisam utilizar os recursos tecnológicos disponíveis, pois é dessa forma que promovem uma aprendizagem significativa e exploratória para os Zappiens.
- b) O debate sobre o uso de telas por crianças e adolescentes é intenso e abrangente. Durante a pandemia, conforme HARGREAVES e SHIRLEY (2023) destacam, milhões de crianças pequenas passaram cerca de 200 minutos por dia em aulas online em tempo real, uma exigência governamental que ultrapassa significativamente as diretrizes pediátricas recomendadas para o tempo de tela. O uso excessivo de telas pode ser prejudicial de fato. Crianças e adolescentes podem perder habilidades importantes, como interagir pessoalmente, conversar com colegas e desenvolver a capacidade de ouvir. Além disso, a saúde mental pode ser afetada, uma realidade que não pode ser ignorada. Como adultos conscientes, é crucial considerar não apenas a quantidade de tempo que as crianças passam nas telas, mas também a qualidade desse tempo. Não é o mesmo comparar uma mensagem de vídeo enviada para um ente querido com um jogo violento de videogame. Assim como em todas as áreas da vida, existem prós e contras, e é essencial aprender a encontrar um equilíbrio adequado.
- c) A partir de 7 de agosto de 2023, os estudantes das escolas públicas municipais do Rio de Janeiro foram proibidos de utilizar celulares nas salas de aula. De acordo com o Decreto 53.019, os dispositivos devem ser guardados e só podem ser utilizados para fins pedagógicos com a autorização do professor. Além disso, os celulares não podem ser

usados durante atividades fora da sala de aula, a menos que haja autorização prévia. No entanto, essa restrição não se aplica aos alunos com necessidades educativas especiais que dependem do suporte de dispositivos móveis.

O Decreto da Prefeitura fundamenta-se nas diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS), que propõe restrições ao tempo de uso de telas por dia, e no Relatório de Monitoramento Global da Educação 2023 da UNESCO, intitulado "Tecnologia na Educação: Uma Ferramenta a Serviço de Quem?", que destacou os efeitos negativos do uso prolongado de telas no autocontrole e no bem-estar emocional. O relatório também enfatizou a necessidade de os governos adotarem medidas e leis para promover boas práticas relacionadas aos direitos humanos.

Além disso, o Decreto também se baseia na Lei Estadual 5.222 de 2008, que já proibia o uso de celulares e dispositivos eletrônicos nas escolas, exceto com autorização pedagógica específica.

Estamos vivenciando tempos de instabilidade e mudança, isso é inegável. Como professores, é nossa responsabilidade realizar reflexões contínuas sobre o cenário atual, para que possamos colaborativamente desenvolver novas práticas pedagógicas. Essas práticas devem estar mais alinhadas com a realidade dos nossos alunos, levando em consideração suas vivências e contribuições diárias para o ambiente da sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível sair da zona de conforto de maneira abrupta e ainda dar lugar a um novo processo de construção didática? Esse foi o principal questionamento que orientou minha dissertação de mestrado. Entretanto, essa questão não se esgota nesse questionamento, e não pretendo apresentar aqui, nas considerações finais, uma resposta definitiva. O mundo da Educação está em constante evolução, e nós, professores, estamos em constante adaptação a essas mudanças.

A pesquisa tratou de um período único e diferente de tudo que já vivemos, o que trouxe à tona lembranças de sentimentos não tão bons. Veja algumas palavras pontuadas nas entrevistas. Perceba o tenso teor do assunto...

***ASSUSTADOR – DIFÍCIL – ATERRORIZANTE – CANSATIVO – MEDO –
ANGUSTIADA – DESCONTENTAMENTO – ANSIEDADE – IMPOTENTE –
COBRANÇA – DIFICULDADE – DESAFIADORA – RECEIO – CONFLITOS –
CRUEL – INSEGURANÇAS – DEFASAGEM – PREOCUPAÇÃO – SOLIDÃO.***

Mais impactante, para mim, foi descobrir (que bom!) que existiam, também, palavras muito positivas. Veja:

***EQUILÍBRIO – ATENÇÃO – RESPEITO – VONTADE – CURIOSIDADE –
ENRIQUECIMENTO – REFLEXÃO – REFORMULAÇÃO – MOTIVADA –
REINVENTAR – BUSCAR – CRIATIVIDADE – ESPERANÇA – SUPORTE –
ALEGRIA – OTIMISMO – FACILIDADE – FELICIDADE – TRANQUILIDADE –
CONFIANÇA – ALÍVIO.***



Como lindamente afirmava Paulo Freire, ensinar exige alegria e esperança. E não é que nós conseguimos isso mesmo em meio ao caos? Acredito que o lado positivo sempre tem que estar à frente do negativo.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e aluno, juntos, podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos da nossa alegria. A esperança faz parte da natureza humana. (FREIRE, 2021, p. 70)

Há algum tempo que uso a citação acima em outras ocasiões de estudo e formação, mas acho que nesse momento ela seja ainda mais perfeita do que sempre foi. Paulo Freire realmente é atemporal: sua visão de mundo educacional não tem tempo nem espaço definidos.

Ao longo da pesquisa, ficou muito forte para mim, enquanto pesquisadora, o quão impactante foi o período inesperado da pandemia e o quanto isso ainda está e estará presente ao longo do tempo em nossas vidas. O diálogo com as professoras revelou que temos que nos preocupar mais com a formação das **redes de colaboração**, fortalecendo sempre a relação entre pares. Isso é importante para você também?

Também ficou claro que é primordial o investimento na **formação inicial e continuada** dos docentes, pois apesar de serem muitos os **desafios** enfrentados, ainda queremos dias melhores. Quem não????

Um **novo olhar para o papel da escola e do educador** faz-se necessário e, para isso, mais importante ainda é estarmos alinhados com o mundo atual e suas imensas possibilidades.

A partir do que você leu e estudou até agora, responda, de preferência, usando razão e emoção: é possível sair da zona de conforto de maneira abrupta e ainda dar lugar a um novo processo de construção didática? Quais fatores são importantes para que isso aconteça? REGISTRE: _____

É urgente e necessário que **estejamos mais atentos** ao nosso cotidiano real e que queiramos fazer um mundo melhor, pois ele é possível. É necessário o diálogo para que a escola cumpra seu objetivo, sendo um espaço de escuta, acolhimento, verdade, tolerância, empatia, respeito e diversidade.

Nós, professores, temos um papel de extrema importância no processo de democratização das sociedades! Trago aqui mais uma dica de leitura significativa para alguns assuntos essenciais... A autora bell hooks (sim, assim mesmo, em minúsculas: é o pseudônimo adotado por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. A escolha de grafar o nome em minúsculas é um posicionamento político de rejeição ao ego intelectual. hooks queria, com isso, direcionar nossa atenção para suas obras e palavras, ao invés de sua pessoa) traz a ideia de educação como prática da liberdade. Bateu curiosidade? Vale a pena saber mais sobre ela e sobre suas potentes palavras.



A educação como prática da liberdade é uma forma de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizagem é mais fácil para aqueles de nós que ensinamos e acreditamos na existência de uma dimensão sagrada da nossa vocação; que acreditamos que o nosso trabalho não é apenas partilhar informações, mas também participar no desenvolvimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. (HOOKS, 2013, p. 9).

Devemos ter a habilidade de visualizar as diversas possibilidades do futuro, a fim de selecionarmos os caminhos mais promissores. As escolas desempenham um papel fundamental na construção ponderada dessas trajetórias.

De volta à mitologia, trago agora a fênix. Você conhece essa história? Acredita-se que ela tenha origem em um mito egípcio, mas também está presente na mitologia grega, romana, árabe e chinesa.

A fênix possuía uma enorme força e conta-se que ela podia viver quinhentos anos. Segundo o mito, as lágrimas da fênix curavam doenças. Ela podia cantar belíssimas melodias, mas quando estava no final da vida, o canto era bem triste. Depois de cantá-lo, queimava-se e suas cinzas passavam a ter

o dom de ressuscitar os mortos. Algumas versões da história contam que ela mesma era quem ressurgia das cinzas.

O simbolismo gira em torno de vida, renascimento e ciclos; a esperança de que é sempre preciso, frente às adversidades, enfrentar-se e reerguer-se, nunca perdendo sua própria essência.

A Fênix



Fonte: Bezerra, [s.d.].

Desejo que consigamos ser fênix em tantos e tantos momentos de nossas vidas! Que as cinzas deixadas pela pandemia consigam ser motivos para revivermos intensamente, dignificando cada vez mais o trabalho, fazendo-o com mais leveza e alegria.

Importante salientar que SIM, os professores precisam de mais visibilidade e valorização perante a sociedade. Veja que interessante o que traz o autor António Novoa sobre isso.

Por isso é tão importante proteger, transformar e valorizar os professores (NÓVOA; ALVIM, 2022, p. 6):

- Proteger... porque as escolas são lugares únicos de aprendizagem e de socialização, de encontro e de trabalho, de relação humana, e precisam ser protegidas para que, nelas, os seres humanos se eduquem uns aos outros.

- Transformar... porque as escolas precisam de mudanças profundas, nos seus modelos de organização e de funcionamento, nos seus ambientes educativos, para que alunos e professores possam construir juntos processos de aprendizagem e de educação.

- Valorizar... porque as escolas são espaços imprescindíveis para a formação das novas gerações e nada substitui o trabalho de um bom professor, de uma boa professora, na capacidade de juntar o saber e o sentir, o conhecimento e as emoções, a cultura e as histórias pessoais.

Embora deixar a zona de conforto possa ser desafiador, representa também um ponto de virada para a chegada de um novo e enriquecedor processo, neste caso, de construção didática. Já possuímos a disposição para abraçar a mudança, então... que os novos tempos venham, e que estejamos cada vez mais preparados para eles!

FELIZMENTE, SOBREVIVEMOS E ESTAMOS AQUI PARA CONTAR ESTA HISTÓRIA!

Espero que tenha tido momentos de aprendizagem prazerosa com esta leitura, mesmo tratando de memórias não tão positivas.

Aguardo, ansiosamente, suas contribuições na nossa rede digital de colaboração. Até lá!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 8DIÁLOGOS. Mitos do Tempo: Chronos e Kairós. *8diálogos*. [S.l.], [2020]. Disponível em: <<https://www.8dialogos.com.br/single-post/mitos-do-tempo-kronos-e-kair%C3%B3s>>. Acesso em: 7 mar. 2024.
- ALMEIDA, M. Origem das atuais inovações. *Linkedin*. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://www.linkedin.com/posts/mauricioalmeidaperito_origem-das-atuais-inova%C3%A7%C3%B5es-jetsons-1962-activity-7053131118702731264-8vqJ?trk=public_profile_like_view>. Acesso em: 7 mar. 2024.
- ALVES, R. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Arts Poética, 1994.
- AMOR a vida. *Pinterest*. [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/814236807626069960/>>. Acesso em: 7 mar. 2024.
- AMORIM, H. *Linkedin*. Goiânia, [S.d.]. Disponível em: <<https://br.linkedin.com/in/helen-amorim-4519a954>>. Acesso em: 7 mar. 2024.
- ANTUNES, C. *Professores e Professauros*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- ANUÁRIO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO BÁSICA. *Anuário Brasileiro da Educação Básica 2019*. São Paulo: Editora Moderna, 2021.
- BACICH, L; NETO, A; TREVISANI, F. *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. São Paulo: Zahar. 2021.
- BEZERRA, J. Fênix. *Toda Matéria*. [S.d.]. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/fenix/>>. Acesso em: 7 mar. 2024.
- BIRMAN, J. *O trauma da pandemia do coronavírus*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Informes Semanais COVID-19. *Ministério da Saúde*. Brasília, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/informes-semanais-COVID-19>>. Acesso em: 5 set. 2023.
- FERREIRA, V; ARCO-VERDE, Y. *Chronos e Kairós: o tempo nos tempos da escola*. Curitiba: Educar, 2001.
- FRAIMAN, L. *et al. O efeito COVID-19 e a transformação da comunidade escolar*. São Paulo: FTD, 2020.
- FREIRE, F. *Uma vida marcada pela educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2023.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários para a prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOLEMAN, G.; SENGE, P. *O foco triplo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

HARARI, Y. *21 lições para o século 21*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HARGREAVES, A. *Os Professores em Tempos de Mudança*. Alfragide: McGraw-Hill, 1998.

HARGREAVES, A; SHIRLEY, D. *Bem estar nas escolas: três forças que motivarão seus alunos em um mundo instável*. Porto Alegre: Penso, 2023.

HOOKS, B. Pedagogia Engajada. In: HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 25-36.

KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

KRENAK, A. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KROICH, P. Publicação. *Pinterest*. [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/787778159814816343/>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

LE MONDE DIPLOMATIQUE BRASIL. Edição 167, (jun. 2021). Brasília: Le Monde Diplomatique, 2021. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/edicao/edicao-167/>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

MORIN, E. *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

NÓVOA, A. *Escolas e Professores: proteger, transformar, valorizar*. Bahia: SEC/IAT, 2022.

NÓVOA, A. *Professores: libertar o futuro*. São Paulo: Diálogos, 2023.

NUVENS, M. Publicação. X. [S.l.], 2023. Disponível em: <<https://twitter.com/mahideia/status/1654516342807056384>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

PINTEREST. Meu cantinho Clara Silva. [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/404831454001153001/>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

REVISTA EMÍLIA. Publicação. Facebook. [S.l.], 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/revistaemilia/photos/a.2768652843218747/3234325939984766/?type=3>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

RICHERI, L. 1 minuto de silêncio por todos os professores de história que terão de explicar essa zona no futuro! *Pinterest*. [S.l.], 2019. Disponível em: <<https://patchworkdasideias.blogspot.com/2019/02/1-minuto-de-silencio-por-todos-os.html?spref=pi>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

RING, J. Top 5 easter movies. *Raising the Rings*. West Norfolk, 2016. Disponível em: <<https://raisingtherings.com/top-5-family-easter-movies/>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

ROBINSON, K; ARONICA, L. *Escolas Criativas*. Porto Alegre: Penso, 2018.

SANCHES, C. *Leituras elásticas: o desafio de formar leitores no novo tempo*. Rio de Janeiro: Mapa Lab, 2021.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Coleção Os Pensadores. 1973.

SKEPTICAFRO. Publicação. X. 2019. Disponível em: <<https://twitter.com/skepticafro/status/1201964654181920768>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

SANTOS, B. *O futuro começa agora: da pandemia à utopia*. São Paulo: Boitempo, 2021.

SANTOS, B. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SPOTTED UFRJ. Publicação. Facebook. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://www.facebook.com/spottedUFRJresiste/>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

TEMPO. São Paulo, 2024. *Michaelis*. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tempo/>>. Acesso em 3 abr. 2024.

VEEN, W.; VRAKKING, B. *Homo Zappiens: Educando na era digital*. Porto Alegre, Artmed. 2009

WIKIPÉDIA. A persistência da memória. [S.l.], [S.d.]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Persist%C3%A2ncia_da_Mem%C3%B3ria>. Acesso em: 7 mar. 2024.

MINIBIOGRAFIAS

Priscila Gabriel Gonçalves e Sá é pedagoga formada pela UERJ, especialista em Gestão Educacional e Coordenação Pedagógica, Psicopedagogia Institucional e Clínica e Educação Inclusiva e Especial e Mestre em Educação pelo CAp UERJ. Mãe de três filhos, esposa, filha e, entre muitas outras atividades, professora há mais de vinte anos “com muito orgulho, com muito amor”! Priscila é apaixonada pela Educação e sempre busca por melhorias na área, por acreditar que a escola e os professores têm papel social fundamental para a construção de um mundo melhor.

Claudia Hernandez Barreiros Sonco fez Pedagogia, Especialização em Supervisão da Educação e Orientação Educacional e Mestrado em Educação pela UERJ. Possui Doutorado em Educação pela PUC Rio e é professora associada da UERJ. Lotada no Departamento de Ensino Fundamental do CAp UERJ, atua em três frentes: anos iniciais do ensino fundamental, EAD em licenciatura de Pedagogia e no Mestrado em Ensino.

